



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS, TECNOLÓGICAS E LETRAS
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

GABRIELA DE MELO PEREIRA

MALALA YOUSAFZAI: construindo uma nova perspectiva sobre o feminino
em uma escola da rede pública de Açailândia-MA

Açailândia - MA

2024

GABRIELA DE MELO PEREIRA

MALALA YOUSAFZAI: Construindo uma nova perspectiva sobre o
feminino em uma escola da rede pública de Açaílândia-MA

Monografia, apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, Campus Açaílândia, do Centro de Ciências Humanas, Sociais, Tecnológicas e Letras, como requisito para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Me. Fausto Ricardo Silva Sousa

Açaílândia - MA

2024

P436m

Pereira, Gabriela de Melo

Malala Yousafzai: construindo uma nova perspectiva sobre o feminino em uma escola da rede pública de Açailândia-MA / Gabriela de Melo Pereira. – Açailândia: UEMASUL, 2024.

63 f. : il.

Monografia (Curso de Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Açailândia, MA, 2024.

Orientador: Prof. Me. Fausto Ricardo Silva Sousa.

1. Desigualdade de gênero. 2. Educação escolar. 3. Pesquisa de campo. 4. Malala Yousafzai. I. Título.

CDU 305-055.2(812.1)


GABRIELA DE MELO PEREIRA

MALALA YOUSAFZAI: construindo uma nova perspectiva sobre o feminino
em uma escola da rede pública de Açailândia-MA


Monografia, apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, Campus Açailândia, do Centro de Ciências Humanas, Sociais, Tecnológicas e Letras, como requisito para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: 21 / 02 / 2024


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **FAUSTO RICARDO SILVA SOUSA**
Data: 05/03/2024 11:56:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Fausto Ricardo Silva Sousa (orientador) Mestre em Educação
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Documento assinado digitalmente
 **MAIARA AMORIM MUNIZ**
Data: 05/03/2024 17:46:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ma. Maiara Amorim Muniz
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Documento assinado digitalmente
 **SILVIA SOUSA SILVA ALBUQUERQUE**
Data: 05/03/2024 18:10:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ma. Silvia Sousa Silva Albuquerque
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo a todas as mulheres da minha família, cuja resiliência moldou e continua a moldar uma busca incansável por uma vida digna. A todas as mulheres empenhadas na conquista de seus direitos, e, em particular, à minha mãe, Luzineide de Melo, meu maior exemplo de força e determinação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, reconhecendo que não teria chegado até aqui sem Sua graça. Ele foi o alicerce nos dias bons e maus, guiando minha vida acadêmica conforme Sua vontade.

Aos meus pais, Luzineide de Melo Silva e Rubem Mateus Pereira, que sempre apoiaram minhas decisões, sem impor expectativas, orientando-me para escolhas corretas. Vindos de uma família pobre, sem acesso ao ensino superior, reconhecem sua importância, incentivando-me a alcançar esse objetivo.

Expresso gratidão aos familiares e amigos que me apoiaram, seja com recursos materiais ou palavras de encorajamento, essenciais nessa trajetória desafiadora. Às amigas de curso, Talita de Jesus, Kesia Ferres, Renata Lima e Raylane Santos, agradeço o apoio mútuo, tornando as manhãs mais leves e superando juntas os desafios da graduação.

Aos professores, minha sincera gratidão por compartilharem conhecimento, capacitando-nos para a jornada profissional. Destaco meu orientador, Fausto Ricardo Silva Sousa, por sua significativa contribuição durante o processo de escrita deste trabalho, oferecendo auxílio e motivação.

Por fim, agradeço a mim mesma, à Gabriela de quatro anos atrás, que ingressou na graduação sem saber o que esperar. Que chorou, riu, pensou que nunca daria conta, mas que superou os desafios. Estou aqui hoje, grata por cada aprendizado e detalhe do processo. Esses são meus agradecimentos a todas, todos e a mim mesma.

*Será que você ouve as mulheres que vieram
antes de mim*

Quinhentas mil vozes

Que vibram na minha garganta

*Como se isso tudo fosse um palco feito para
elas*

Não sei dizer quais partes de mim são eu

E quais são elas

Será que você vê quando elas me invadem

E saem do meu corpo

Para fazer tudo

O que não puderam

Quando estavam vivas

(Kaur, 2020)

RESUMO

O presente estudo constitui uma monografia elaborada como parte dos requisitos para a conclusão do curso de Pedagogia. O tema escolhido para a pesquisa foi 'Malala Yousafzai: construindo uma nova perspectiva sobre o feminino em uma escola da rede pública de Açailândia-MA.' Dado que a educação escolar nos anos iniciais desempenha um papel crucial na formação da identidade dos discentes, torna-se de suma importância a realização de pesquisas e projetos que busquem abordar de maneira mais aprofundada algumas problemáticas encontradas na sociedade, especialmente entre as crianças da rede pública. Nesse contexto, o estudo teve como objetivo analisar como o livro "Malala: A Menina Que Queria Ir Para a Escola" contribui para a construção de novas perspectivas sobre o gênero feminino, em uma turma do 5º ano de uma escola de rede pública, enfocando a desigualdade entre os gêneros. Para atingir os resultados esperados, utilizei recursos como rodas de conversa e círculos de cultura. Portanto, dado que a pesquisa demandava encontros, elaborei roteiros para viabilizar a ida a campo, configurando assim uma pesquisa de campo. Destinaram-se duas manhãs para a realização de inquirições e coleta de materiais, posteriormente submetidos a análise. Com base nas atividades propostas, foi possível concluir que as crianças ainda possuem uma concepção problemática em relação ao gênero feminino, visto que este é frequentemente associado a um papel pré-determinado na sociedade, muitas vezes vinculado à realidade que essas crianças experimentam. No entanto, ao término da pesquisa, observou-se uma clara distinção entre as respostas obtidas na primeira roda de conversa.

Palavras-chave: Desigualdade de gênero; Educação escolar; Pesquisa de campo; Malala Yousafzai.

ABSTRACT

This study is a monograph that was created as part of the requirements for completing the education degree. The topic chosen for the research was “Malala Yousafzai: Building a New Perspective on the Feminine in a Public School in Açailândia-MA”. Since school education plays a crucial role in the formation of students' identities in the early years, it is extremely important to carry out research and projects that delve deeper into some of the problems that arise in society, especially among children in the school system public. In this context, the study aimed to analyze how the book “Malala: A Menina Que Queria Ir Para a Escola” contributes to the construction of new perspectives on the female gender in a 5th grade public school, focusing on the inequality between the genders focus on genders. To achieve the expected results, I used resources such as discussion groups and culture circles. Therefore, since the research required meetings, I prepared itineraries that allowed going on site, thus designing fieldwork. Two mornings were dedicated to conducting interviews and collecting materials, which were then subjected to analysis. Based on the proposed activities, it could be concluded that children still have a problematic idea of the female gender, as it is often associated with a predetermined role in society, which is often related to the reality that these children experience. However, at the end of the study, a clear distinction was found between the answers received in the first round of interviews.

Keywords: Gender inequality; Schooling; Field research; Malala Yousafzai.
Siglas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do livro “Eu sou Malala”	23
Figura 2 – Capa do livro da Adriana Carranca (2018).....	24
Figura 3 – Lápis entregues de lembrança	50
Figura 4 – Carta da aluna Wendy.....	50
Figura 5 – Carta do aluno Hanif.....	51
Figura 6 – Carta da aluna Sany	52
Figura 7 – Carta da aluna Asghar.....	54
Figura 8 - Carta da aluna Shazia	55

LISTA DE SIGLAS

AEE - Atendimento Educacional Especializado

BBC - British Broadcasting Corporation

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

MEC - Ministério da Educação

ONU - Organização das Nações Unidas

SECAD - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

TV - Televisão

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. DESIGUALDADE DE GÊNERO.....	15
3. MALALA COMO REPRESENTAÇÃO DO FEMININO INSURGENTE.....	22
4. A FUNÇÃO DA ESCOLA NA LUTA DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO.....	28
5. REFLETINDO ACERCA DO FEMININO NA EDUCAÇÃO AÇAILANDENSE.....	35
5.1 Metodologia	35
5.2 Primeiro dia de desenvolvimento da pesquisa em campo	38
5.3 Segundo dia de desenvolvimento da pesquisa em campo	47
6. CONSIDERAÇÕES	57
REFERÊNCIAS	59

1. INTRODUÇÃO

Levando em consideração o alto índice de desigualdade de gênero no Brasil, apontado nas pesquisas realizadas pelo Global Gender Gap Report, que é o relatório global de desigualdade de gênero, no qual, no ano de 2022, o país ocupou o 94º lugar no ranking, este estudo justificou-se por interesse em analisar qual a compreensão que as alunas e os alunos de 5º ano de uma escola da rede pública de ensino fundamental anos iniciais, de Açailândia, tinham sobre o gênero feminino, para que a partir disso fosse possível utilizar o livro "Malala: A Menina Que Queria Ir Para a Escola" e assim proporcionar diálogos com o intuito de ampliar o entendimento dos discentes não só sobre o gênero feminino, como também, e principalmente, sobre os impactos que a desigualdade de gênero causa na vida das mulheres.

O presente estudo é uma monografia elaborada como parte dos requisitos para a conclusão do curso de Pedagogia oferecido pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, campus Açailândia. O tema escolhido para a pesquisa foi 'Malala Yousafzai: construindo uma nova perspectiva sobre o papel feminino em uma escola da rede pública de Açailândia-MA.' Nesse sentido, foram empregados diversos métodos com o objetivo de obter resultados que estivessem em conformidade com o tema mencionado anteriormente.

Os problemas relacionados à desigualdade de gênero vão desde pequenas ações no cotidiano, como, por exemplo, desqualificar termos que são geralmente relacionados à figura feminina, até o acesso limitado à educação e ao mercado de trabalho. Diante disso, esse estudo teve como problema norteador "Como o livro "Malala: A Menina Que Queria Ir Para a Escola" poderia contribuir para repensar questões de gênero com alunas e alunos de uma escola da rede pública de Açailândia?".

No livro, há muitas passagens importantes que esclarecem como o gênero feminino é desumanizado, visto como submisso à representação do masculino. Por exemplo, Adriana Carranca ¹(2018), autora do livro, informa que na cultura do Paquistão, país em que Malala vivia, o nascimento de um menino é celebrado, enquanto o nascimento de uma menina é motivo de desgosto, pois as mulheres sequer existem oficialmente, tendo em vista que poucas são registradas.

¹ Adriana Carranca é jornalista e escritora brasileira, laureada com diversos prêmios por suas coberturas, como o Troféu Mulher Imprensa em 2016. Graduada em Comunicação Social, Adriana possui mestrado pela Columbia University em jornalismo.

O livro foi o aporte principal para o direcionamento da pesquisa, onde a partir dele os assuntos geradores foram analisados e discutidos. A escola pública, como campo-alvo deste estudo, foi de suma importância, uma vez que a realidade social dos discentes que frequentam a rede pública pôde proporcionar informações específicas e diversas sobre como a desigualdade de gênero está sendo propagada nos meios sociais em que este frequentava.

O principal motivo que levou ao início deste estudo surgiu de um interesse social em contribuir de alguma forma com a formação individual das alunas e dos alunos. Partindo de observações que foram feitas durante o estágio supervisionado que realizei na mesma turma onde desenvolvi este estudo, foi durante esse período que pude perceber que as questões de gênero precisavam ser repensadas e reconstruídas, principalmente no campo educacional. Sendo assim, a pesquisa foi desenvolvida com discentes que já tinham tido algum contato comigo. Acredito que esse possa ter sido um ponto significativo para um bom desenvolvimento do projeto.

A escolha do livro se deu por interesse pessoal. Sempre tive apreço por estudar mulheres que realizaram feitos grandiosos que, de alguma forma, trouxeram impactos positivos para a sociedade, principalmente para as mulheres. Quando li o livro da Malala, a sua autobiografia, fiquei pensativa por muito tempo sobre como aquela realidade era diferente da minha e como a desigualdade de gêneros poderia alcançar níveis extremos. Nesse sentido, não havia outra opção que pudesse usar para trabalhar as questões de gênero com as crianças. É um livro que imaginei que despertaria o interesse das crianças em contribuir com a história, e foi como ocorreu.

No meio acadêmico, esta pesquisa pode servir de base para futuros projetos, bem como para que o tema ganhe visibilidade, pois quando pesquisado sobre estudos que utilizaram Malala para trabalhar questões de gênero, poucos foram os arquivos encontrados. Até mesmo projetos sobre desigualdade de gêneros, que não necessariamente fizeram uso do livro, foram difíceis de encontrar quando se tratava de pesquisa de campo. A maioria se respaldava somente em pesquisas bibliográficas. Dessa forma, é necessário pensar em mais pesquisas voltadas para a comunidade, onde as mudanças possam ser iniciadas de forma ativa.

Sendo a educação escolar nos anos iniciais um dos meios primordiais para a formação da identidade dos discentes, é de suma importância que haja pesquisas e projetos que busquem trabalhar de forma mais intensificada algumas mazelas encontradas na sociedade, em especial, das crianças da rede pública. Com base nisso, o estudo teve como objetivo analisar como o livro

"Malala: A Menina Que Queria Ir Para a Escola" contribui para a construção de novos olhares sobre o gênero feminino, sob uma perspectiva da desigualdade entre gêneros.

Para alcançar este objetivo, foi preciso identificar qual entendimento as alunas e os alunos tinham sobre o gênero feminino, partindo então para a apresentação da história de Malala, com base no livro de Carranca, e assim proporcionando diálogos que puderam trazer as alunas e os alunos para um círculo conversacional de trocas, onde foi possível notar que os mesmos passaram por um processo de reconstrução da verdade até então conhecida.

Este estudo é de caráter qualitativo com base fenomenológica, pois analisei os resultados sob um viés social, com interesse na qualidade do material, utilizando métodos que visavam integrar os objetos da pesquisa de forma ativa durante a maior parte do desenvolvimento da mesma. Para obter os resultados esperados recorri a recursos como as rodas de conversa e os círculos de cultura. Portanto, como a pesquisa necessitava de encontros, formulei roteiros para que pudesse ir a campo, se configurando assim uma pesquisa-ação. Foram destinadas duas manhãs para o desenvolvimento de perquirições para a coleta de materiais que posteriormente foram analisados.

O campo na qual foram realizadas as pesquisas foi a Escola Municipal Pequeno Príncipe, que fica localizada no bairro Vila Bom Jardim, na rua Raimundo Pimentel, na série de 5º ano, na qual tem 26 alunos matriculados. A escola é pertencente ao bairro onde resido, portanto, a realidade do público que a frequenta é de conhecimento, contando também com um estágio que realizei durante o primeiro semestre do ano de 2023, onde o contato com as alunas e os alunos foi mais presente, possibilitando assim um olhar mais aguçado sobre as realidades. O que ocasionou no anseio de contribuir de alguma forma com o desenvolvimento individual e social desses indivíduos.

O estudo é composto por seis capítulos. O primeiro, objeto desta introdução, apresenta uma visão geral do que será discutido ao longo da leitura. O segundo capítulo, intitulado "Desigualdade de Gênero", abordará os conceitos de desigualdades e gêneros, explorando como esses elementos impactam a vida da mulher socialmente. Autores como Carvalho (2013), Heilborn (1994), Praun (2011) e outros contribuirão para essa discussão.

No terceiro capítulo, denominado "Malala como Representação do Feminino Insurgente", contextualizo a história de vida de Malala, relacionando-a ao debate anterior sobre a desigualdade entre os gêneros. Utilizei sua autobiografia, Yousafzai (2013), além de Carranca (2018) e Adichie (2017) para fundamentar essa análise.

O quarto capítulo, "A Função da Escola na Luta das Desigualdades de Gênero", apresenta um resumo introdutório sobre a inclusão da mulher na escola, discutindo como a instituição ainda perpetua desigualdades e sugerindo possíveis mudanças. Manacorda (2013), Follador (2009), Hooks (2017) e outros foram essenciais para a construção desse capítulo.

No quinto capítulo, de título "Refletindo acerca do feminino na educação açailandense", descrevo a metodologia utilizada na pesquisa de campo e apresento os resultados obtidos. Autores como Fonseca (2002), Gerhardt e Silveira (2009), Auad (2022) e diversos estudiosos foram fundamentais para essa fase do estudo. Finalmente, no último capítulo, dedicado às considerações finais, sintetizo tudo o que foi realizado, destacando os principais resultados encontrados e fornecendo uma visão geral do estudo como um todo.

Em síntese, a pesquisa se fundamenta na proposta de corroborar com a formação das alunas e dos alunos a respeito da desigualdade de gêneros, a fim de que partindo de uma experiência vivenciada, sendo a história de vida da Malala possam relacionar a teoria com a prática, com o objetivo de construir um novo olhar sobre o conhecimento previamente estabelecido.

O estudo foi inteiramente pensado sob uma perspectiva de liberdade de fala, onde os objetos da pesquisa puderam contribuir de forma autêntica, sendo assim, os resultados foram legítimos com a realidade encontrada. Anseio que a leitura desse estudo não apenas suscite ponderações, mas também encoraje a ação, fomentando um compromisso em prol de mudanças sociais, reconhecendo que para isso é necessária uma revolução no sistema educacional.

2. DESIGUALDADE DE GÊNERO

Triste, louca ou má

Será qualificada ela

Quem recusar

Seguir receita tal

A receita cultural

Do marido, da família

Cuida, cuida da rotina

Só mesmo rejeita

Bem conhecida receita

Quem, não sem dores

Aceita que tudo deve mudar

Que um homem não te define

Sua casa não te define

Sua carne não te define

Você é seu próprio lar

(Francisco, El Hombre, 2016).

A canção "Triste, louca ou má" da banda Francisco, El Hombre (2016) explora a visão da mulher perante a sociedade, destacando que, independentemente de sua atuação, está sujeita a julgamentos desqualificadores, como os adjetivos "triste, louca ou má". Neste capítulo, abordarei qual é a receita cultural imposta à figura feminina que é citada na canção e os impactos adversos em suas vidas, buscando desmistificar as definições atribuídas a elas.

Para discutir a desigualdade de gênero, é preciso, primeiramente, esclarecer toda a construção histórica e social por trás desse termo. Iniciarei discutindo cada uma das palavras dissociadas. Para Carvalho (2013), a desigualdade é entendida como um fenômeno social, pois não se trata de fatores biológicos, mas sim frutos da criação humana. A autora também enfatiza

que a desigualdade interfere nas condições de vida. Corroborando com essa linha de pensamento, acrescento que as desigualdades que encontramos dentro de uma sociedade não só foram construídas socialmente, como também são impulsionadas pela sociedade para que perdurem por tanto tempo, com uma influência altamente política.

A referida autora traz uma frase que contribui de maneira significativa nesse estudo para que possamos ter uma ampliação do que sabemos sobre as desigualdades. Ela pontua que as pessoas não nascem desiguais, mas sim em condições desiguais. Em qualquer tipo de desigualdade que se coloque essa frase, é possível entender que a desigualdade de um indivíduo foi construída dentro da sociedade, não parte de uma característica intrínseca de sua vida. A partir do momento em que o indivíduo já nasce dentro de um círculo que o coloca em condição desfavorável em relação a outras pessoas, todo o percurso de sua vida será moldado por um viés que lhe foi imposto sem concessão, cabendo ao indivíduo lutar para conseguir alcançar o que um determinado grupo tem fácil acesso.

Considerando que a ideia de desigualdade tenha sido clarificada, partirei para o conceito de gênero, que é definido por Heilborn (1994) como uma construção social, sendo o sexo aquele determinado por fatores biológicos e o gênero seriam as noções que a sociedade relaciona com o sexo. Sendo assim, a concepção do que está relacionado ao sexo feminino, sendo consideradas coisas femininas, pode variar dependendo da sociedade, pois, por ser um termo de influência totalmente social, a cultura da sociedade o construirá de uma determinada maneira.

O termo gênero ainda passa por construção e reconstrução, e em diversas pesquisas é possível encontrar compreensões variadas. Isso é justificado por ser um termo de construção social, e dentro de uma sociedade em constante movimento dialético, os conceitos podem e devem acompanhar as mudanças que ocorrem. Posto isso, o gênero feminino difere do gênero masculino por uma definição construída socialmente do que pode ser relacionado a um determinado sexo.

De acordo com Praun (2011), a partir da segunda metade do século passado, o termo gênero passou a ser mais difundido, pois algumas mulheres passaram a reivindicar por seus direitos, reconhecendo que muitos dos papéis sociais podiam ser exercidos somente por homens, surgindo então uma luta pela equidade de gêneros. A autora enfatiza ainda que o movimento feminista defendia que não devia existir uma subordinação da mulher pelo homem com base na diferença dos sexos, nem que lhes fossem negadas participações na vida social, profissional ou familiar. Dessa forma, a desigualdade entre homens e mulheres, para Meinerz

(2013), não pode ser considerada como algo inerente ao indivíduo, mas sim resultado de uma construção social.

A maioria das sociedades onde as desigualdades de gênero são mais explícitas vivem em um sistema patriarcal, onde dentro da cultura é tradicional que determinados fatores aconteçam. Segundo Arruzza (2015), o conceito de sistema patriarcal pode ser entendido como um sistema de relações culturais e materiais, de exploração e dominação de mulheres por homens. Em uma sociedade como o Brasil, as desigualdades não são tão explícitas e bem aceitas como tradição cultural, pois as mulheres já reivindicaram e reivindicam seus direitos todos os dias. É notório que ainda está longe de alcançar a equidade necessária, mas já é um avanço considerável comparado a outros lugares.

Dentro do sistema patriarcal, as mulheres e todos aqueles que fogem da norma padronizada, socialmente construída, com base principalmente nos conceitos de raça, gênero e orientação sexual, não possuem os mesmos direitos que os homens que se encaixam na norma. Para uma sociedade ser enquadrada nos conceitos do sistema patriarcal, não é necessário que ela se autodenomine pertencente. Nas relações cotidianas, é impossível não notar traços do patriarcado (Aguiar, 2000).

Levando em consideração o alto índice da desigualdade de gênero no Brasil, apontado em pesquisas realizadas pelo Global Gender Gap Report, que é um relatório global de desigualdade de gênero, no ano de 2022, onde consideraram diversos aspectos para chegar a um ranking, o país ocupou o 94º lugar no ranking, é impossível desconsiderar a grande influência do patriarcado. Acredito que seja de grande valia trazer o que Sylvia Theresa Walby², em seu livro "Theorizing Patriarchy" (1991), considerou dentro do patriarcado, em que ele pode ser visto por duas esferas, a pública e a privada. Na esfera privada, as mulheres são excluídas das relações públicas, entendida pela autora como participação ativa socialmente, já o patriarcado sob a esfera pública a mulher tem acesso a essas relações, mas ainda em posições de subordinação.

Nas sociedades, como no Brasil, onde o patriarcado é praticado sob a esfera pública, a desigualdade é velada, pois aqueles que estão em maior grau de poder buscam perpetuar a ideia equivocada de que a sociedade já evoluiu a ponto de extinguir as desigualdades, transmitindo a ideia da meritocracia, como se os fatores históricos que permeiam a sociedade não existissem e interferissem no resultado de uma busca incessante pelo reconhecimento básico.

² Socióloga e escritora britânica, detém um Doutorado Honorário da Queen's University Belfast, concedido em reconhecimento por sua excelência em sociologia. Sylvia Walby é renomada pelo seu trabalho nas esferas de violência doméstica, patriarcado, relações de gênero no ambiente de trabalho e globalização.

É impossível desconsiderar toda uma história da construção do país que o fez chegar à estrutura social atual. De acordo com Ribeiro, Catrinck e Magalhães (2021, p. 08), “somos herdeiros de uma estrutura escravocrata e colonial, cujos fundamentos patriarcais, latifundiários e exploratórios perduraram irretocáveis por mais de 300 anos e ainda hoje mostram os reflexos de sua influência em nossos dias.” Diante desse cenário, podemos compreender que as mudanças ocorridas não foram suficientes, pois mesmo três séculos depois, o contexto do cenário atual das desigualdades encontradas na sociedade ainda é fruto histórico de todo um sistema que foi construído com bases ideológicas do explorador versus o explorado.

Nessa perspectiva, a desigualdade social entre gêneros é perpassada de forma naturalizada, começando por coisas corriqueiras que comumente replicamos, até questões que a maioria das pessoas, em sua maioria mulheres, já reconhecem como um absurdo. Os "papéis de gênero" foram incorporados de forma silenciosa, e isso se torna evidente quando mencionamos, por exemplo, a responsabilidade de criar filhos, o cuidado com a casa ou a habilidade na cozinha, e a maioria das pessoas automaticamente associa essas tarefas a figuras femininas.

Em um contexto problemático como descrito anteriormente, onde muitas questões foram naturalizadas, as questões de gênero precisam ser mais visíveis. É necessário criar diálogos que promovam ação e reflexão sobre pequenas ações que replicamos no cotidiano e que afetam diretamente a qualidade de vida das mulheres. Uma autora que contribuiu significativamente para a compreensão desse problema foi Chimamanda Ngozi Adichie³. Em seu livro "Para educar crianças feministas" (2017), que originou de uma carta escrita para uma amiga, ela ensina como educar uma filha sob uma perspectiva que não reproduza estereótipos de gênero. Adichie traz diversos exemplos do cotidiano em que muitas vezes replicamos hábitos, explicando onde reside o problema por trás dessas ações.

Uma de suas declarações que me causou um grande impacto foi: "Por favor, nunca imponha essa pressão à sua filha. Ensinamos as meninas a serem agradáveis, boazinhas, fingidas" (Adichie, 2017, p. 48). A autora discute a seriedade desse assunto, apontando que muitas coisas acontecem com as meninas na infância, como o abuso sexual, que geralmente ocorre dentro de casa, por pessoas próximas, porque as meninas foram ensinadas a obedecer, a ser agradáveis e a nunca dizer não. Portanto, é urgente a necessidade de desmistificar os estereótipos associados ao feminino. Quando podamos esses traços da personalidade de uma

³ Escritora nigeriana, também feminista, é aclamada como uma das notáveis autoras anglófonas, cativando uma nova geração de leitores de literatura africana. Em 2016, recebeu distinção ao ser concedido o título de Doutora em Humanidades pela Universidade de Johns Hopkins.

criança que, a princípio, pode parecer inofensiva, podemos estar formando indivíduos que perpetuam intrinsecamente ações que lhes foram impostas de maneira injusta, uma vez que a opção de expressar seus reais sentimentos lhes foi tirada.

De acordo com Saffioti (1987), a qualidade de vida de uma mulher dentro de uma sociedade patriarcal e machista⁴ é incomparavelmente inferior à qualidade de vida de um homem, especialmente se for branco e heterossexual. Quando se trata, por exemplo, do acesso e permanência no mercado de trabalho, Lima (2022) informa que em uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2019, a taxa de participação das mulheres no mercado, com 15 anos ou mais, foi 19,2 pontos percentuais menor do que a dos homens. O estudo também informa que ter filhos pequenos é um dos fatores que contribui para a desigualdade de acesso para as mulheres.

Quando Adichie (2017) enfatiza que a função de cuidar da casa e dos filhos não deveria ter gênero, baseando-se na suposição de que a mulher é capaz de dar conta de tudo, é porque problemas muito maiores, como o acesso ao mercado de trabalho, tornam insustentável a ideia de uma mulher ter menos chances de acesso devido a questões da vida pessoal, enquanto, para um homem, assuntos relacionados a casa e filhos não são mencionados em uma entrevista de emprego.

A partir do momento em que o homem é isento de injustiças sociais às quais as mulheres são submetidas em diversos aspectos de suas vidas, podemos questionar "Qual papel o homem exerce dentro da sociedade? Quem lhe atribuiu esse poder?" O papel do homem ainda hoje é relacionado como o provedor do lar, aquele que não pode demonstrar seu lado humano e dócil, pois essas características são associadas às mulheres e, por isso, são vistas como sinal de fragilidade. A atribuição de cargos superiores aos homens por serem considerados mais aptos a assumir, enquanto as mulheres são consideradas indignas, mesmo com qualificação profissional igual ou superior a um concorrente do sexo oposto. Como pontua Aguiar (2000), o poder atribuído ao sexo masculino é uma construção histórica de séculos e, se foi construído socialmente, pode e deve ser sujeito a reconstruções.

Mesmo que neste estudo o foco seja na construção de um novo olhar sobre o feminino, onde, dentro das desigualdades, as mulheres estão em posição desfavorável e explorada, não posso deixar de destacar a importância de discutir também os "papéis de gênero" sob uma

⁴ O machismo é uma corrente de pensamento que fundamenta a convicção da supremacia masculina sobre a feminina, permeando diferentes esferas sociais, culturais e institucionais. Essa mentalidade pode se manifestar por meio de posturas, condutas e estruturas que perpetuam a disparidade de gênero, restringindo as oportunidades e os direitos das mulheres.

perspectiva relacionada ao que consideramos ser do gênero masculino. Assim como foi criado um padrão que as mulheres devem seguir, também há um padrão que se espera dos homens, o que pode gerar barreiras na vida desses indivíduos, principalmente se esses estereótipos forem impostos desde a infância. Pois é nesses primeiros anos de convívio social que o indivíduo está construindo sua identidade de maneira mais intensa, que pode ser moldada de acordo com imposições incongruentes.

Considerar apenas o biológico, ou seja, a diferenciação entre os sexos masculino e feminino para justificar as ações comportamentais dentro da sociedade é inadequado para o ser humano. Os papéis que devem ser exercidos na sociedade foram e são construídos ao longo de gerações, através do senso comum. Realizei pesquisas a respeito do papel da mulher e não encontrei nenhum estudo sob o viés biológico, até o momento, que justifica a ideia de que as mulheres são predispostas a realizar funções na cozinha, limpar uma casa ou educar uma criança. Essas ideias foram criadas pela sociedade com base no que foi imposto ao longo do tempo. Portanto, as mulheres são relegadas a essas funções como se fosse natural de seu biológico. Se quisermos que essa dicotomia entre os gêneros termine, com um gênero explorando o outro, é preciso repensar as entrelinhas da convivência social, o que requer um esforço diário.

Todo conceito que tem o seu oposto sugere que um se sobrepõe ao outro, por exemplo, bom e mau, forte e fraco, alto e baixo. Nesse sentido, ao binarizar os gêneros em feminino e masculino, a sociedade entende, de forma subentendida, que o masculino é socialmente superior ao feminino. A partir disso, surgem problemas como os relatados por Guacira Lopes Louro⁵ (1997):

Mulheres e homens que vivem feminilidades e masculinidades de formas diversas das hegemônicas e que, portanto, muitas vezes não são representados ou reconhecidos como 'verdadeiras/verdadeiros' mulheres e homens, fazem críticas a esta estrita e estreita concepção binária (Louro, 1997, p. 34).

Portanto, de acordo com a citação acima, exigir um padrão de comportamento considerado correto socialmente com base em conceitos construídos socialmente é uma barreira significativa na construção da identidade de um indivíduo, especialmente na fase da infância, quando a criança ouve que não está sendo um homem verdadeiro se chora em determinada

⁵ Licenciada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1969), Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1976) e Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1986). Tem uma publicação consistente de livros, artigos e capítulos, além de orientar dissertações e teses, explorando questões relacionadas a gênero, sexualidade e teoria queer, em conexão com o campo da Educação.

situação, a partir dessa fala, podem ser desenvolvidas diversas outras concepções, tendo em vista que, uma criança aprende como a sociedade funciona ao longo de sua vivência.

Se uma menina nasce em uma família que já tem questões relacionadas aos gêneros bem trabalhadas e sua criação é bastante flexível, respeitando suas vontades, pode acontecer que, ao chegar em contextos como a escola, essa criança seja repreendida por ações que até então eram normalizadas em casa. A criança passa por um processo de assimilação que lhe é estranho. A respeito dessas imposições, Adichie (2017, p. 21) pondera que "'Porque você é menina' nunca é razão para nada, jamais". Não se deve qualificar ações com base em algo que não tem fundamento. As crianças devem crescer sabendo que seu sexo não justifica suas escolhas.

Na busca pela desconstrução do dualismo entre gêneros, entendendo que não é possível caracterizar um único modelo de mulher feminina, levando em consideração as mais diversas realidades sociais, raciais e a orientação sexual, que interferem diretamente na forma como essa mulher se comporta na sociedade, assim como não é possível caracterizar o perfil do homem masculino, é preciso ter um olhar mais crítico nas vivências do cotidiano. Portanto, através desse estudo, pude me dispor a apresentar a vida de uma menina que vivenciou na pele os níveis mais absurdos a que as desigualdades de gênero podem levar a vida de uma mulher. Malala foi o principal exemplo para esclarecer o que foi discutido anteriormente.

3. MALALA COMO REPRESENTAÇÃO DO FEMININO INSURGENTE

*Você é só uma pessoa
Mas quando você avança
Uma comunidade inteira
Anda por meio de você
- Ninguém anda sozinho*

(Kaur, 2020)

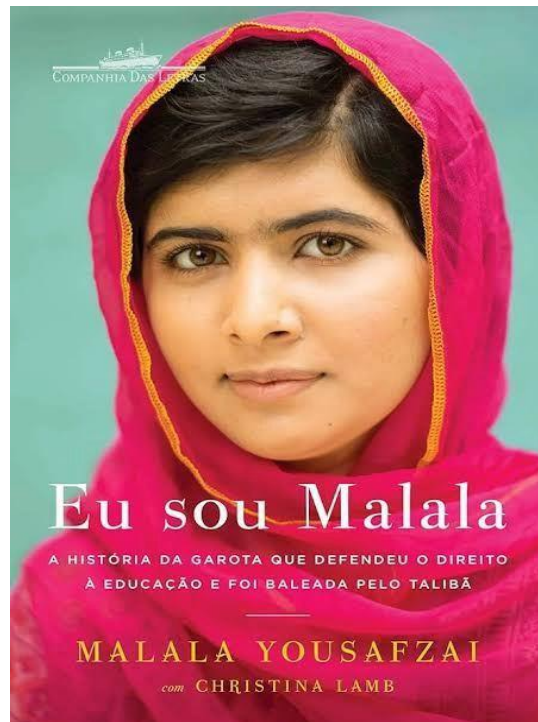
Este poema de Rupi Kaur (2020) evoca a poderosa ideia de que, embora individual, uma pessoa pode ter um impacto coletivo significativo. Ao avançar, ela não caminha sozinha, mas serve como um catalisador para toda uma comunidade. A metáfora sugere que os passos de um indivíduo reverberam além de si mesmo, influenciando e inspirando aqueles ao seu redor, ressaltando a importância da solidariedade e da conexão comunitária. A menção à comunidade impactada ressoa na história de Malala, cuja voz e progresso elevaram toda uma comunidade.

Malala Yousafzai é uma mulher paquistanesa nascida em 1997 no Vale do Swat, que fica localizado as margens do rio Suate, lá era conhecido como a “suíça do oriente”, por conta da sua paisagem, que se assemelhava com os Alpes, era um ponto turístico até a chegada dos Talibãs, lá o sistema patriarcal predomina, direcionando a criação das mulheres para atividades domésticas. Desde sua infância, Malala discordava dessa imposição, achando injusto ter que ajudar a mãe nos afazeres domésticos enquanto seus irmãos podiam brincar livremente. Seu pai, Ziauddin Yousafzai, possuía uma escola, exercendo grande influência sobre ela, despertando seu amor pelo estudo. Para Malala, a melhor parte do dia era na escola ou estudando em casa.

É interessante notar que os pensamentos alinhados à teoria feminista, como a busca pela igualdade até mesmo em pequenas ações, podem surgir sem a menção explícita do conceito de feminismo. Malala discordava do modo de vida em seu país, e ponto. Assim nascem grandes movimentos sociais: quando percebemos que algo não está certo em um dia comum.

Em sua autobiografia "Eu sou Malala" (2013), Malala relata que os primeiros anos de sua vida foram tranquilos e comuns, refletindo o modo de vida no Vale. É crucial lembrar que, em um país com uma cultura totalmente diferente da brasileira, onde o sistema social funciona de maneira distinta, Malala foi privada de muitas experiências comuns às crianças brasileiras. Contudo, dentro de sua realidade, ela teve uma infância satisfatória.

Figura 1: Capa do livro “Eu sou Malala”

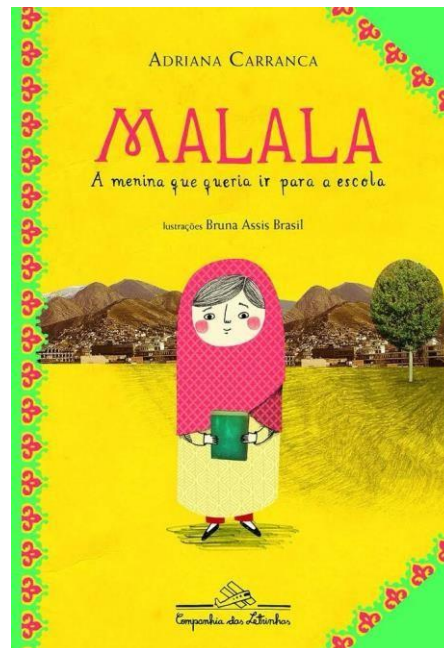


Fonte: Internet

Quando a menina tinha cerca de 10 anos de idade, o Vale foi invadido por um grupo chamado Talibã, um grupo fundamentalista islâmico sunita que surgiu durante a Guerra Civil Afegã, em 2001. No entanto, o grupo ganhou força e começou a dominar territórios onde consideravam que o modelo social tradicional estava sendo abandonado. Isso os incomodava, e através de violência intensa, passaram a dominar as regiões. Assim, o vale do Swat tornou-se irreconhecível, não sendo mais permitido possuir TV, DVD ou aparelho de som. Os membros do Talibã recolhiam esses itens nas casas e ateavam fogo em lugares públicos. Além disso, assassinavam aqueles que se opunham à sua dominação, muitas vezes em praças públicas, para que todos pudessem ver e temer.

Uma das coisas que incomodava o grupo era a disseminação da informação sobre a busca pela igualdade de gêneros. Durante esse período, as mulheres foram ainda mais privadas e afetadas sob esse domínio. Carranca (2018, p. 42) relata que "As mulheres foram banidas da vida social e proibidas até mesmo de frequentar o bazar". As mulheres lutaram por anos e continuam lutando por uma visibilidade social decente. Portanto, quando o grupo decide excluir as mulheres da sociedade, é um retrocesso após anos de luta.

Figura 2: capa do livro de Adriana Carranca (2018)



Fonte: Internet

Malala viu seu mundo ser destruído diante de seus olhos. Já não sentia que as coisas estavam certas, e agora, não via sentido no que estava acontecendo. Todos viviam com medo dos Talibãs, e as mortes e bombardeios tornaram-se frequentes. As escolas foram proibidas de funcionar, e quando Malala soube da notícia, não conseguiu conter o tamanho de sua angústia:

- Eu quero ter educação e quero me tornar méd... – Murmurou Malala pouco depois de receber a notícia. Ela ia dizer “médica”, mas mal conseguiu terminar a frase. Levou as mãozinhas delicadas ao rosto, emoldurado pelo véu cor-de-rosa, e chorou. Aquele tinha sido o dia mais triste da vida de Malala até então. (Carranca, 2018, p. 44)

O peso desse trecho, não apenas sob uma perspectiva feminista, mas também sob uma perspectiva humanizadora de forma geral, é incoerente imaginar um contexto em que um direito básico, como o da educação, é tomado à custa da violência. O acesso e a permanência na educação dentro de uma sociedade são pilares primordiais para o funcionamento da mesma. Se considerarmos que os estereótipos e o preconceito residem no âmbito das ideias, a discriminação, por sua vez, se manifesta no âmbito das ações. Em outras palavras, trata-se de uma atitude concreta de negação de oportunidades, acesso e, em última instância, da negação da própria humanidade. Negar o acesso ao conhecimento foi uma das formas que o grupo usou para silenciar o povo.

Em meio ao caos, Ziauddin, pai de Malala, decidiu que não fecharia sua escola e começou a fazer campanhas em reuniões de protesto contra o grupo terrorista. Malala sempre

acompanhava seu pai nessas manifestações, chegando até a falar algumas vezes. Em certo discurso, ela afirmou: "Minha força não está na espada. Está na minha caneta" (Carranca, 2018, p. 45). Mesmo diante de um cenário perigoso como aquele no Vale do Swat, a menina decidiu que iria lutar pelo que acreditava; seus direitos não poderiam ser tirados dela. Observa-se que Malala sempre esteve na direção oposta ao que se esperava de uma menina, suas atitudes ativistas na luta pelos direitos iniciaram desde muito cedo.

Certo dia, um amigo de Ziauddin ofereceu a Malala a oportunidade de escrever em um blog sobre a realidade do Vale. A garota não pensou duas vezes antes de aceitar a oferta, mas sabia que o risco que corria passaria a ser ainda maior. Portanto, escrevia sob o codinome de Gul Makai, uma personagem do folclore dos Pashtun⁶. "O blog de Gul Makai era publicado em urdu⁷ no site da rede de rádio e televisão BBC, da Grã-Bretanha, a terra da Rainha" (Carranca, 2018, p. 47). Por conta do blog, as barbaridades que ocorriam no Vale ganharam uma grande proporção, alcançando pessoas de diversos lugares do mundo que passaram a saber o que estava acontecendo.

Atualmente, as redes sociais e os meios de comunicação são importantes ferramentas para iniciar uma revolução ou qualquer outro movimento que se queira ter grande proporção. As informações nas redes correm de forma muito veloz. Muitos movimentos sociais ganharam mais visibilidade ao utilizar tais meios informacionais, como o feminismo, que passou a ser discutido através de perfis sociais em que as mulheres se dispuseram a falar sobre o tema. Malala não teve a escolha de se mostrar verdadeiramente e usar seu perfil, mas dentro do que lhe foi possível, usou sua voz para que as pessoas conhecessem os ocorridos no Vale, iniciando uma manifestação ampliada nos meios de comunicação.

Os atentados pelo Vale passaram a ficar mais frequentes e violentos, levando o pai de Malala a ceder às imposições e fechar sua escola no último dia do prazo estipulado pelo grupo Talibã. A família então teve que viajar por um tempo para um lugar mais seguro, na esperança de que as coisas no Vale se acalmassem para que pudessem retornar em paz para casa. Passaram meses na casa de parentes; entretanto, Ziauddin não se acostumou com essa vida e decidiu retornar para sua casa. Ao retornarem, nada ainda tinha melhorado. Não demorou muito para sair a notícia de que estavam propondo um acordo de paz, mas muitos do grupo terrorista ainda

⁶ Esta etnia representa um povo guerreiro que reside ao longo da cordilheira Hindu Kush, entre o centro do Afeganistão e o norte do Paquistão. Sua origem permanece incerta, com algumas crenças sugerindo serem uma das 10 tribos perdidas de Israel, embora não existam evidências históricas que corroborem essa teoria.

⁷ Língua oficial do Paquistão.

não aceitavam esse acordo. Logo, os bombardeios retornaram, e a família teve que viajar novamente, dessa vez por um período bem maior

Após um longo período, o exército do Paquistão conseguiu retomar o controle da região, e a família retornou à sua casa na esperança de dias melhores. Ao voltarem, percebendo que o local aparentava estar mais seguro, a menina decidiu revelar que era ela por trás do codinome de Gul Makai. Todos passaram a reconhecer Malala por sua atividade em prol da educação das meninas, por nunca ter desistido. Por esse reconhecimento, a menina ganhou o Prêmio Nacional da Paz no ano de 2011. As lutas de Malala não pararam, sempre que podia, expressava seu desejo por mudanças:

A menina de jeito doce, mas fala assertiva, desafiava frequentemente os homens que tinham proibido as meninas de ir à escola, as vezes expondo-os ao ridículo. Num território onde as mulheres tinham sido silenciadas pelo terror, Malala havia cruzado um limite perigoso (Carranca, 2018, p. 55)

As lutas de Malala eram um perigo constante para sua vida, até que em 09 de outubro de 2012, ao retornar da escola em um dia comum de provas, a menina sofreu um atentado que mudou sua vida completamente. O grupo Talibã não permitiu que uma menina os desafiasse, entraram no transporte escolar onde ela estava e dispararam tiros para tirar sua vida. Malala sobreviveu ao atentado após muitos dias hospitalizada, lutando com toda sua força pela vida. Hoje, ela conta sua história como inspiração para mulheres que se veem em situações de descontentamento com a realidade. É preciso muita coragem para tomar atitudes. Em 2014, Malala ganhou o Prêmio Nobel da Paz, sendo a pessoa mais jovem a receber um Nobel.⁸

O livro autobiográfico de Malala é um relato difícil de ler sem se comover com a narrativa dos fatos. Uma criança foi alvo de terroristas e quase assassinada simplesmente por querer ir para a escola. Isso não aconteceu há séculos, mas sim há pouco mais de uma década, em um mundo onde a equidade de gêneros e as críticas ao sistema patriarcal ganham visibilidade por lutas e conquistas diárias. Malala foi mais uma vítima de um sistema falho.

Dentro de uma perspectiva do que seria considerado convencional para Malala na época, ela teria seguido o caminho das demais meninas: deixado de ir à escola, obedecido às imposições do grupo terrorista e zelado por sua vida. No entanto, não foi isso que aconteceu.

⁸ Constituinte de um conjunto de seis prêmios internacionais, essas distinções são anualmente concedidas em várias categorias por instituições suecas e norueguesas. O propósito desses prêmios é reconhecer pessoas ou instituições que tenham realizado pesquisas, descobertas ou contribuições notáveis para a humanidade no ano anterior ou durante suas atividades.

Indo contra todas as possibilidades imagináveis, ela sentiu que não podia ficar parada diante daquela situação e não se deixou ser silenciada.

Um ponto que pode ter passado despercebido na cronologia dos fatos é que o atentado ocorreu após o grupo ter sido expulso do Vale. Mesmo sem o domínio do território, o fato de uma garota ter ganho visibilidade e ser reconhecida por desafiá-los continuou incomodando alguns dos terroristas. A respeito disso, Adichie (2017) argumenta que o mundo está cheio de homens e mulheres que se incomodam com as mulheres poderosas, pois o poder ainda é relacionado a uma característica da figura masculina. Por isso, essas mulheres poderosas são policiadas. Foi exatamente isso que aconteceu com Malala. Por se tornar uma menina poderosa, passou a ser vigiada, até que essa observação se tornou algo concreto: um atentado.

Muitas meninas em nossa sociedade têm desejos que podem ser tidos como não convencionais, por não se enquadrarem no que se espera de uma menina. No entanto, é necessário partir do pressuposto de que o que é considerado feminino é fruto de uma construção social. As meninas devem ser ensinadas e encorajadas a percorrer caminhos que acreditam ter que seguir. Usar o livro de Malala para discutir questões de gênero com as crianças pode levantar muitos questionamentos dentro da sala de aula, por se tratar de uma realidade não vivenciada em nosso país. Aqui, as meninas podem ir à escola, mas certamente será o início de um debate e inquietações sobre a injustiça que Malala sofreu.

4. A FUNÇÃO DA ESCOLA NA LUTA DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola depende disso. Na verdade, a escola produz isso.

(Louro, 1997)

Neste trecho do livro "Gênero, sexualidade e educação" de Guacira Lopes (1997), a autora satiriza o papel da escola, que, idealmente, deveria acolher a diversidade, mas, na prática, contribui para a desigualdade. Ela destaca que a escola continua a reproduzir modelos antiquados. Neste capítulo, meu objetivo é contextualizar o atual panorama educacional à luz de sua história, apontando para a necessidade de a escola assumir uma posição comprometida com a luta contra as desigualdades, especialmente as de gênero.

Por trás do modelo educacional atual, existe um longo percurso histórico na construção da educação. Iniciando no Egito Antigo, considerado o berço da civilização, de acordo com Manacorda (2022) a educação consistia principalmente em formações através da oratória, visando desenvolver o perfil do homem político. Naquela época, os ensinamentos eram direcionados à classe dominante, propensa a ocupar cargos de poder político-social. Assim, a escola era, uma preparação para exercer o poder.

Por muito tempo, a educação teve o propósito de formar exclusivamente os indivíduos de uma classe específica. O modelo educacional estava totalmente voltado para os interesses da classe dominante, caracterizando-se por uma transmissão unidirecional de conhecimento, onde o mestre, geralmente do sexo masculino, ensinava ao discípulo, também do sexo masculino, sem espaço para questionamentos. Manacorda (2022) descreve essa relação pedagógica como marcada por memorização e repetição, acreditando que esse método era o mais eficaz para atender aos desejos das elites.

Características desse antigo modelo educacional ainda persistem no atual, como a educação moldando o indivíduo conforme os preceitos da classe dominante, adaptando-se às demandas do mercado de trabalho quando necessário. Apesar de alguns documentos sugerirem direcionamentos para uma educação emancipadora, os interesses políticos continuam a influenciar um modelo educacional que nem sempre favorece a formação de indivíduos pensantes e críticos.

Ainda de acordo com Manacorda (2022), inicialmente, a educação era predominantemente direcionada aos homens, já que as mulheres não participavam da vida

política, não sendo consideradas relevantes para aprender sobre moral, ética e poder. Somente em meados do século XIX as mulheres começaram a ter espaço na educação, com escolas separadas por sexo, onde os meninos recebiam ensinamentos de gramática, matemática e política, enquanto as meninas tinham uma educação mais voltada para atividades domésticas, ou que tornassem a mulher mais delicada e enquadrada no molde pretendido.

Conforme Follador (2009), as mulheres foram excluídas da história até o século XIX, principalmente devido à falta de acesso a uma educação profissionalizante que promovesse construção de conhecimento, limitando-as a uma perspectiva masculina. Mesmo após muitos anos, a evolução da educação ainda é lenta, com uma parte da população sendo incluída no processo educacional recentemente.

É crucial entender brevemente o processo de institucionalização da educação no Brasil para compreender o modelo educacional atual. Segundo Ribeiro, Catrinck e Magalhães (2021), o sistema educacional brasileiro foi construído para atender aos interesses da igreja e, em seguida, do Estado, alinhados com as elites. Compreender como o processo de institucionalização impacta diretamente no modelo atual revela a origem de desigualdades em um contexto de dominação.

No Brasil, o modelo educacional durante a colonização, anteriormente relatado, envolveu a vinda dos jesuítas para catequizar os indígenas, impondo um processo educacional que limitava a expressão de opiniões, exigindo obediência às diretrizes da igreja. Após a expulsão dos Jesuítas em 1759, a educação se expandiu para atender os filhos dos portugueses que chegaram ao Brasil, visando formar indivíduos para manter o poder, seguindo um modelo de ensino importado de seus países de origem e, portanto, bastante exclusivo.

De acordo com Shigunov e Maciel (2008), em meados dos anos de 1550, a educação no Brasil adotou um modelo importado, à exemplo o modelo utilizado pelo padre Manuel da Nobrega, até surgir a ideia de um sistema educacional genuinamente brasileiro, voltado para o perfil local e não apenas para os burgueses. Com o crescimento do país e a necessidade de formar cidadãos para atender às demandas industriais, surgiram, por volta de 1900 as escolas de ensino técnico profissionalizante, uma abordagem que persiste até hoje, focando na prática e na formação técnica, sem excesso de teoria (Saviani, 2005).

Conforme Ferreira e Marques (2020), somente a partir da década de 30, com os Manifestos da Educação Brasileira, o sistema educacional ganhou novas perspectivas. Foi somente com essas manifestações, lideradas por educadores brasileiros que buscavam

consolidar uma educação gratuita e obrigatória, com a responsabilidade do poder público em ofertar e garantir o acesso, que se iniciaram mudanças significativas no cenário educacional:

Falar sobre o “Manifesto da Educação Brasileira” é enfatizar o pulsar de um ideal que partira de uma constelação de intelectuais que buscavam respostas para sua indignação diante de um país de homens, mulheres e crianças abandonadas e despreparadas cujo futuro civilizador lhes escapava pela vida simples de imposições sociais-burocráticas. Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Fernando Azevedo, dentre outros, compunham este grupo de homens que foram denominados “irmandade”. Foi partindo dos sistemas de ensino da França e principalmente dos Estados Unidos, que os pioneiros quiseram estruturar a educação brasileira (Santos et al., 2013, p. 45).

Assim, a educação, inicialmente concebida para atender apenas aos interesses da elite, formando trabalhadores habilidosos para a indústria sem promover o pensamento crítico, tornou-se objeto de críticas. As propostas não visavam erradicar esse modelo, mas diversificá-lo com abordagens educacionais voltadas para a ciência, buscando um caráter emancipador e inovador. Nesse sentido, o sistema educacional brasileiro enfrentou transformações significativas em resposta às mudanças sociais, adaptando-se para atender às novas demandas.

Gonçalves (2012) destaca alguns períodos em que o Brasil experimentou diferentes modelos educacionais, evidenciando a necessidade de acompanhar as mudanças sociais para adequar o sistema educacional e atender às diversas demandas da sociedade:

O Brasil-República é muito heterogêneo em suas manifestações ao longo do século XX - por exemplo, a República Velha, mais oligárquica; o Estado-Novo, mais populista e ditador; houve um período democrático-populista; foi instaurada a ditadura militar; e ocorreu a reabertura democrática – e é nessas configurações, com avanços, recuos e rupturas, que um sistema de ensino foi sendo configurado [...] (Gonçalves, 2012, p. 47).

Assim, como pontua Gonçalves (2012), a educação no Brasil república já teve diversas modificações em seu modelo, e foi através dessas mudanças que foram sendo esquematizados os modelos que também foram modificados para aquele que conhecemos hoje. Portanto, mesmo com muitos avanços na educação, é necessário lembrar que o modelo educacional sempre estará à disposição do modelo social. Em uma sociedade capitalista, por exemplo, a educação será voltada para a formação de indivíduos capacitados para o mercado de trabalho.

Nesse sentido, se a sociedade tem resquícios de um sistema social patriarcal e de dominação, no meio educacional não será diferente. As educadoras e os educadores brasileiros que vêm buscando por uma educação libertadora e emancipadora, na formação de sujeitos pensantes, buscam também ainda romper com os estereótipos determinados historicamente e que perduram até os dias de hoje.

Filiada a essa perspectiva, passamos a considerar como em um contexto de hegemonia que foi relatado acima é possível que a educação atue na luta pela igualdade entre gêneros. Nos últimos anos, foram criadas políticas educacionais em que passaram a considerar os aspectos que tangem os estudos de gêneros, por exemplo, a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) de 1996, foi um grande marco nesses avanços em relação a uma educação sob a perspectiva de gênero. Um outro programa que vale destacar é a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), instaurada em 2004. Essa secretaria pertence ao Ministério da Educação (MEC) e tem a função de gerir políticas públicas voltadas para o acesso à educação, considerando aspectos como gêneros, raça, etnia, entre outros, no trabalho para uma educação contra as desigualdades.

Essas políticas, assim como muitas outras em nosso país, são bem delineadas no papel, mas na prática não se concretizam, ou pelo menos não com a eficácia que seria desejável, como registrado nos documentos, como bem relata Saviani (2020), em seu artigo intitulado “Políticas educacionais em tempos de golpe: retrocessos e formas de resistência”. A realidade ainda é muito precária e desigual. O acesso, a permanência e a qualidade da educação não são prioridades claras para os governos, sendo deixados à própria sorte em termos de manutenção, sem um aumento no investimento e na valorização desses processos.

Deve ser levado em consideração o fato de que a escola é uma das primeiras instituições que o sujeito tem contato, em alguns dos casos ficando atrás somente da igreja e da família. Sendo assim, de acordo com Kramer (1999), o espaço educacional tem um caráter formador de extrema importância, pois desde os primeiros contatos da criança com a educação ela já pode construir seu conceito de educação como algo bom ou ruim, por isso é imprescindível que as professoras e os professores estejam aptos a proporcionar uma educação de qualidade profissional e caráter humanizador. A escola é o lugar onde este sujeito se constrói e se reconstrói, pois está em processo constante de aprendizado, sabendo que o indivíduo não nasce pronto e acabado a escola assume esse papel de interceptora da formação para a sociedade.

Assim, de acordo com Becker (1994), quando uma criança chega à escola, é preciso compreender que, mesmo sendo bem pequena, ela não é uma tabula rasa, pois constantemente passa por processos de assimilação. Ou seja, já carrega consigo uma bagagem de aprendizados que foram internalizados no convívio social, os quais não são escolares. Para Bell Hooks

⁹(2017), a escola de sua infância era um lugar de extremos entre prazer e perigo, pois conhecer novas ideias e ser transformada por elas a fascinava, mas temia quando essas ideias iam contra seu aprendizado vindo de casa. Urge, então, a necessidade de considerar dentro da sala de aula os valores e aprendizados tidos como não formais, a fim de proporcionar diálogos que possam transmitir informações de forma imparcial, sem ferir os direitos humanos e a individualidade dos discentes.

Uma educação para os direitos humanos deve primeiramente reconhecer o caráter democrático que a escola, como instituição pública, deve aderir. A escola deve seguir um modelo democrático de tomada de decisões, isto é, dar visibilidade para todo o corpo que compõe a instituição, com ênfase na comunidade onde o prédio está inserido. Espera-se então uma gestão que aja de acordo com os interesses do seu meio, e não apenas com os interesses políticos da elite, que não vivencia a realidade local e particular. Nessa perspectiva, a educação não pode ser imparcial aos valores e à construção de uma cultura que vise o respeito pela dignidade humana, considerando os valores da liberdade, justiça, igualdade e solidariedade, entre outros, pois é preciso ser um espaço aberto e capacitado para trabalhar cotidianamente tais aspectos.

Uma educação voltada para a igualdade de gêneros só poderá acontecer a partir do interesse não só da escola como também das professoras e dos professores. É preciso que estes estejam abertos às formações continuadas, para que revejam suas práticas pedagógicas, a fim de que não perpetuem uma educação que viole os direitos humanos. Na conjuntura de um modelo educacional que ainda tem resquícios de um sistema social patriarcal, faz-se necessário que as professoras e os professores estejam em processo contínuo de formação de sua prática docente.

Como destaca Hooks (2017), se o corpo docente for formado por indivíduos que não se autoatualizaram, eles buscarão na educação um asilo, sem propor desafios que proporcionem crescimento dialético. Não é preciso muito esforço para compreender essa afirmação, quando se pensa na educação que tivemos, por exemplo. É evidente que, em grande parte, adotava-se uma educação bancária, como pontuam Brighente e Mesquida (2016), em que o docente fazia a exposição do conteúdo e aos alunos cabia o papel de aprender e reproduzir. Não se promovia um ambiente propício para trocas, para a interaprendizagem. A sala de aula deve evoluir para

⁹ Gloria Jean Watkins, amplamente reconhecida pelo pseudônimo Bell Hooks, foi uma renomada autora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista dos Estados Unidos. Ao longo de sua carreira, Hooks publicou mais de trinta livros, diversos artigos acadêmicos, participou de vários filmes e documentários, além de ter contribuído com inúmeras palestras públicas.

se tornar um espaço de discussão, de diálogo; as professoras e os professores necessitam abandonar o pedestal de detentores do conhecimento.

É compreensível, mas não justificável, que muitos educadores ainda se privem de trabalhar temas como a desigualdade de gêneros, por medo da repercussão que isso pode tomar, uma vez que muitas famílias ainda não compreendem a educação como meio de ensinar sobre o respeito à diversidade. Ou até mesmo colegas de profissão que permaneceram estagnados em uma educação de dominação. Ressalto ainda que temas como este ficaram ainda mais sensíveis nos últimos anos, após os escândalos que recorrentemente aconteciam no último governo, onde o ódio e o preconceito foram propagados com uma falsa justificativa religiosa, bem como o machismo foi naturalizado muitas vezes em falas do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. Portanto, é preciso que se reestruturem currículos que auxiliem a restaurar uma educação voltada para a promoção de respeito e equidade.

Com vista a um novo cenário educacional, é preciso entender o que a criança já tem internalizado e como os docentes agem para promover mudanças. É possível perceber que, desde os anos iniciais na escola, a criança já traz consigo algumas preferências e alguns comportamentos que são diferenciados pelo gênero. É uma questão que foi normalizada, como se estivesse dentro da norma já esperada pelo corpo docente. Por isso, muitos destes não buscam ampliar esse mundo da criança, mostrando as diversas possibilidades que existem e que não podemos considerar apenas aquela que parece ser a certa. Essas professoras e professores optam por contribuir com a permanência das distinções com base no gênero.

Corroborando com isso, foi perceptível, nos estágios que realizei, que muitas salas ainda seguem um modelo de decoração sexista, onde os painéis sempre estão com cores determinadas para coisas referentes aos meninos e às meninas. Este estudo não se reduz a afirmar que as cores não têm gênero e todos podem usar como quiserem, mas reparar nessas pequenas coisas é um exemplo de como a sociedade, assim como o corpo docente, sendo integrante da mesma, está predestinada a reproduzir estereótipos que foram criados socialmente. Estes estereótipos podem ser vistos em pequenas coisas, assim como em coisas grandiosas.

Dessa forma, a escola passa a ser um lugar reprodutor de conceitos que há muito se tenta extinguir. No trabalho, em espaço escolar, para a construção de uma educação que vise o respeito, é indispensável que os detalhes que até então não eram colocados sob uma ótica de propagação do sexismo passem a ser analisados criticamente. Isso vale também e

principalmente para a postura docente, para que repensem suas falas com as alunas e os alunos, se policiando para não reproduzir falas sexistas e preconceituosas.

De acordo com Canguçu (2015), a criança, como um ser que ainda está conhecendo o mundo, tem em si uma curiosidade sobre tudo que a cerca, e uma dessas curiosidades pode ser o mundo do outro. Ao verem as crianças do sexo oposto brincando com objetos diferentes, ou usando um material escolar diferente, se for em um ambiente escolar, enfim, coisas que ela não tem acesso, a criança pode se interessar por aqueles itens, simplesmente porque gostou da estética ou da função. É nesse ponto que deveria entrar o papel da professora e do professor de intermediar essa curiosidade inocente, dando acesso para a criança aprender sobre um mundo que acredita não pertencer.

Quando se chega no ensino fundamental anos iniciais, a criança já tem uma concepção de mundo mais enraizada, considerando melhor os seus gostos, que muitas vezes foram construídos com base no sexo. É onde começam as maiores demonstrações de preconceito e discriminação com o diferente. Sendo assim, o trabalho docente não é mais de possibilitar acesso a uma construção de identidade respeitosa, mas de reconstruir uma identidade que já tem algumas bases. É um processo difícil e que necessita de um interesse genuíno do docente em se fazer participativo na construção de uma educação para os direitos humanos.

Nesse contexto, de acordo com Hooks (2018), é preciso ser responsável no trabalho de uma pedagogia engajada, entendendo o poder que as/os professoras(es) têm sobre a vida de seus alunos. Uma prática docente que zele por valores e por uma educação de respeito e diversidade pode ser vista como um dos maiores atos que futuramente terão bons resultados. A escola e os docentes assumindo essa responsabilidade de permanecerem ativos na construção de um novo currículo podem ser o pilar para uma sociedade mais humana e igualitária.

Diante de tais considerações, me direciono agora a apresentar os procedimentos e resultados encontrados na pesquisa que foi direcionada a campo, a fim de construir uma linha entre os estudos encontrados que embasaram a pesquisa até aqui, com a realidade educacional encontrada na rede pública de Açailândia.

5. REFLETINDO ACERCA DO FEMININO NA EDUCAÇÃO AÇAILANDENSE

Desde o início deste estudo, sempre mencionei a importância de realizar uma pesquisa em campo, a fim de conhecer e contribuir com a realidade local. Dessa forma, a pesquisa se direcionou para uma metodologia ativa, na qual estive presente em duas manhãs na escola para desenvolver o planejamento elaborado. Neste capítulo, apresento a metodologia utilizada, os planejamentos e os resultados encontrados, analisando-os minuciosamente, para que seja possível construir um conhecimento autêntico.

5.1 Metodologia

Este estudo teve como objetivo compreender como as alunas e os alunos do 5º ano da Escola Municipal Pequeno Príncipe, localizada na cidade de Açailândia, no estado do Maranhão, estão construindo seu entendimento sobre o gênero feminino, a turma conta com 26 discentes matriculados. Além disso, buscou-se proporcionar a estas alunas e alunos momentos de diálogo para que pudessem compartilhar seu conhecimento de forma participativa e livre de julgamentos. Para melhor compreensão do desenvolvimento da pesquisa, faz-se necessário conceituar os métodos que foram utilizados, bem como em sequência discorrer sobre o local pesquisado.

Dessa forma, a pesquisa teve uma abordagem qualitativa, entendida por Gerhardt e Silveira (2009) como uma abordagem que não se baseia em dados numéricos, mas sim, com o aprimoramento de um tema com base na compreensão de um determinado grupo social. Sendo assim, a abordagem qualitativa foi escolhida para essa pesquisa porque o intuito estava no entendimento do grupo que seria pesquisado, sendo um dos pontos principais dessa abordagem partir do global para o local, o objeto de estudo se torna o sujeito que mais contribui para o aprimoramento do tema estudado, nesse caso, tanto a pesquisadora, que sou eu, como o grupo social a ser estudado, que são as alunas e os alunos, somos participantes como objetos da pesquisa.

É importante considerar que a pesquisa qualitativa deve ser realizada com o envolvimento da pesquisadora e/ou pesquisador como mediador da pesquisa, deixando de lado seus preconceitos do assunto pesquisado, formando um ambiente de pesquisa propício para resultados mais fiéis, onde os/as pesquisados(as) não se sintam submetidos a julgamentos. Portanto, uma pesquisa nessa abordagem não pode ser considerada previsível, pois mesmo

traçando um percurso bem detalhado, os resultados serão variáveis conforme a ação e reação dos pesquisados. Aliado a esse caráter qualitativo, é possível perceber o método fenomenológico, pois, segundo Holanda (2006), é um método que consiste em perceber como a experiência dos indivíduos pesquisados formulou determinada compreensão sobre o assunto em ênfase.

Para a construção da presente pesquisa, utilizei a pesquisa bibliográfica, que, segundo Fonseca (2002), é feita com base em pesquisas já analisadas e publicadas por meios escritos ou eletrônicos. Dessa forma, foi possível compreender que todo trabalho científico necessita de um embasamento teórico para que se possa dar prosseguimento. Portanto, ao utilizar estudos já publicados, tive uma base mais bem organizada de onde queria chegar, partindo daquilo que já se encontrava.

Como a pesquisa não se limitou a coletar dados em campo, foi preciso realizar também o procedimento de Pesquisa Ação, que, segundo Fonseca (2002), é uma pesquisa que tem um planejamento prévio, buscando transformar as realidades já observadas a partir de conhecimentos já adquiridos pela pesquisadora e/ou pesquisador. A proposta da ação se deu a partir de observações que fiz durante o estágio supervisionado, realizado também nesta escola. Portanto, a proposta deste estudo estava alicerçada na necessidade de promover uma ação que pudesse, mesmo que minimamente, transformar a realidade encontrada anteriormente.

A Pesquisa Ação tem um caráter bastante participativo pela pesquisadora e/ou pesquisador, pois exige que utilize recursos, dos quais falarei posteriormente, para que se desenvolva de forma eficaz, visando uma mudança social. Este procedimento pode ser relacionado com a práxis docente, onde é uma ação e reflexão sobre a prática, gerando assim uma nova ação com outro fundamento. É preciso que durante todo o processo de pesquisa, a pesquisadora e/ou pesquisador esteja disposto a adaptações que não estavam no planejamento, visto que seu objeto de estudo é vivo, a pesquisa pode ocorrer de forma inesperada e os resultados podem ser muito diferentes do imaginado.

O campo escolhido foi a Escola Municipal Pequeno Príncipe, situada na rua Raimundo Pimentel s/n, bairro Vila Bom Jardim, no município de Açailândia, estado do Maranhão. A referida escola encontra-se em atividade e oferece o Ensino Fundamental, do 1º ao 5º ano. Até o presente momento, a instituição conta com uma média de trezentos e quarenta e um alunos, onde a comunidade a que atende é diversificada, e os discentes são geralmente provenientes das localidades Vila Bom Jardim, Nova Açailândia e Laranjeiras, enquadrando-se na classe média e baixa.

A organização e funcionamento da escola atende os seguintes requisitos: Matutino - início às 07:00 e término às 11:15; Vespertino - início às 13:00 e término às 17:15. A escola procura sempre organizar suas turmas de acordo com a idade que cada aluno tem e levando sempre em consideração o seu nível de escolaridade, garantindo a aprendizagem de seus alunos.

Sua estrutura física constitui-se de 06 salas de aula, 01 sala de diretoria, 01 secretaria, 02 banheiros, sendo um masculino e outro feminino para professorado e alunado, 02 banheiros, um masculino e outro feminino separados para pessoas com deficiência, 01 cozinha, 01 sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), 01 sala de leitura, 01 pátio externo. O maior problema da então estrutura física são a quantidade de altos e baixos que a escola apresenta. Organizada em dois turnos, a saber: matutino e vespertino, atualmente, contempla 12 turmas de ensino fundamental.

Quanto aos recursos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa, realizei com as crianças algumas rodas de conversa, reconhecendo que a temática que seria trabalhada necessitava de mais participação das alunas e dos alunos, para que não se sentissem distantes do que se conversava. Portanto, adotei uma posição de participante, ao invés de "palestrante", foi de extrema importância para um desenvolvimento em que se sentissem acolhidos, dispostos a compartilhar informações com o restante da turma.

Ao se pensar em coleta de dados no sentido científico, as rodas de conversa por muitas vezes podem ser tidas como falhas ou rasas para determinadas pessoas, entretanto, é preciso compreender que o fazer científico é amplo, e pode acontecer de diversas formas, sendo uma destas a coleta de dados com base na experiência vivida do grupo que está sendo pesquisado.

Assim, sendo uma educadora que defende as rodas de conversa, Hooks (2017) acredita que o ato de ouvir o que cada um tem a dizer, e às vezes acontecendo de relacionar aquele relato com a própria experiência, torna as pessoas envolvidas no diálogo mais conscientes dos outros. Sendo uma pesquisa que buscava transformar o olhar dos indivíduos sobre o gênero feminino, as rodas de conversa foram de uma contribuição essencial, pois os relatos abriram espaços para os diálogos em busca de uma construção coletiva de conhecimento.

Corroborando com as rodas de conversa, saliento que fiz uso do conhecimento que tenho sobre os círculos de cultura, que foi um modelo de educação utilizado por nosso ilustríssimo educador Paulo Freire, onde buscava alfabetizar pessoas adultas, com base nos conhecimentos prévios de cada um. Os círculos de cultura não tinham um caráter autoritário, pois não havia um papel do professor que somente ensinava, mas estava ali para coordenar o processo de construção do conhecimento desenvolvido com a participação de todos. Esses

círculos não tinham um embasamento somente de aula explicativa, mas sim de diálogos, onde todos eram participantes do grupo.

Sendo assim, para Freire (1967, p.07), "O ponto de partida para o trabalho do círculo de cultura está em assumir a liberdade e a crítica como modo de ser do homem", ou seja, as alunas e os alunos devem ser considerados como sujeitos pensantes, onde deve ser proporcionado um ambiente de liberdade para que possam contribuir de forma crítica com os temas geradores que serão discutidos. Destarte, a pesquisa se desenvolveu partindo do conhecimento dos procedimentos e recursos já mencionados. Em sequência, inicio a apresentação do primeiro dia de desenvolvimento da pesquisa, partindo para a análise das atividades direcionadas.

5.2 Primeiro dia de desenvolvimento da pesquisa em campo

Após o período de estudos bibliográficos sobre a desigualdade de gênero, iniciei a pesquisa em campo. Antes de comparecer à escola, dialoguei novamente com o professor da turma, informando sobre minha presença e enviando o roteiro do que seria feito, bem como o material a ser utilizado. O professor autorizou o desenvolvimento da pesquisa, mas esclareceu que não poderia estar presente, deixando tudo acordado com o professor secundário que me acompanharia.

Na manhã do dia 26/09/2023, cheguei à escola às 7h30, conversei com o professor, e acordamos que a pesquisa seria realizada após o intervalo. Por volta das 10h00, encaminhei as crianças para a sala de leitura, visando proporcionar um momento de diálogo em um ambiente diferente da sala de aula, para que as alunas e os alunos o considerassem como uma conversação. Segundo Ron Scapp (2017), em seus diálogos com Hooks, o deslocamento de sair de trás da escrivaninha e estar entre as alunas e os alunos, implica que está acontecendo um trabalho conjunto, onde a ideia de que o que está atrás da mesa seja a verdade absoluta seja desconsiderada.

Roteiro de trabalho – 1º dia
TEMA: O que é desigualdade de gêneros?
PROBLEMATIZAÇÃO: Diante da experiência das crianças, buscar compreender qual entendimento essas alunas e alunos tem sobre a desigualdade de gêneros.
DATA: 26 de setembro

<p>OBJETIVO: Conceituar desigualdade de gênero, relacionando com o entendimento que os alunos trazem consigo.</p>
<p>MATERIAL FACILITADOR DO DIÁLOGO: Vídeo disponível no Youtube com título “Igualdade de gênero” pelo canal ONU mulheres Brasil. O Vídeo faz um resumo de como a desigualdade de gênero inicia na sociedade, sendo por direcionamento de brincadeiras na infância, e traz dados mais graves, como de violência e menos acesso ao mercado de trabalho.</p>
<p>DESENVOLVIMENTO:</p> <p>1º Momento: Organização das cadeiras em círculo, com auxílio das crianças, para que assim o ambiente possa ficar mais acolhedor e que as alunas e os alunos se sintam integrantes desse processo de diálogo.</p> <p>2º Momento: Explicar o roteiro do dia, sinalizando qual meu intuito ali e esclarecendo que estes farão parte da minha pesquisa, partido então para o questionamento de o que entendem sobre a desigualdade de gêneros, e assim proporcionar uma roda de conversa em que as crianças possam participar ativamente, contribuindo com o que desejarem, sem interrupções.</p> <p>3º Momento: Apresentar o vídeo para as crianças.</p> <p>4º Momento: Conversar sobre o que acharam do vídeo, se concordam ou discordam, se agora ficou mais clarificado algo que ainda não sabiam, para que a partir disso seja possível realizar a atividade reflexiva.</p>
<p>ATIVIDADE REFLEXIVA: Após os momentos de conversas, as alunas e os alunos serão direcionados para uma atividade de escrita, onde será solicitado que escrevam o que as meninas podem fazer e o porquê, e o que os meninos podem fazer e o porquê, todos escreverão aquilo que acham sobre os dois sexos.</p>
<p>DESDOBRAMENTO DO TEMA PARA O PROXIMO ENCONTRO: Apresentar a história de Malala sob a perspectiva da desigualdade de gênero.</p>

Considerando meu contato anterior com as alunas e dos alunos percebi a importância para este estudo, pois notei que se mostravam receptivos e dispostos a participar do que estava sendo proposto. Direcionei-os/as para que se sentassem nas cadeiras organizadas, pois um ambiente acolhedor, onde todos estão na mesma posição, contribui para o desenvolvimento dos diálogos.

Para iniciar, expliquei que estava ali para conduzir uma pesquisa e que eles eram os principais colaboradores, onde juntos iríamos abordar determinadas temáticas e aprender

concomitantemente. Apresentei um breve resumo do roteiro da manhã e iniciamos as rodas de conversa. Optei por abordar inicialmente o conceito de desigualdade sem vinculá-lo a gêneros, e a primeira pergunta que fiz foi sobre o significado de desigualdade.

Antes de apresentar os resultados da pesquisa, gostaria de mencionar que, visando preservar a identidade real das alunas e dos alunos, uma vez que são crianças menores de idade, utilizarei de nomes de origem paquistanesa para citar as crianças envolvidas.

A primeira resposta foi do aluno Zain, que mencionou que a desigualdade ocorre quando um homem e uma mulher desempenham o mesmo trabalho, mas a mulher recebe um salário inferior. No início, a resposta já estava relacionada ao tema proposto, dando um exemplo da desigualdade de gênero. Posteriormente, questionei se alguém tinha outro ponto de vista, e todos concordaram com a explicação de Zain. Concordei com a fala de Zain, mas preferi inicialmente explorar todos os conceitos que as crianças tinham sobre desigualdade, antes de prosseguir e perguntar se alguém tinha mais algum conceito de desigualdade.

A próxima resposta veio de Saif, que destacou que a desigualdade ocorre quando alguém com educação universitária consegue um emprego bem remunerado, enquanto outra pessoa que não concluiu os estudos acaba em um trabalho árduo e mal remunerado. Embora Saif não tenha explicitado que se trata de desigualdade social decorrente de construções sociais, onde a educação muitas vezes favorece as elites, ele compreende claramente o impacto na sociedade.

Abdul afirmou que a desigualdade é evidente na diferença entre favelas e condomínios, considerando as favelas menos protegidas. Apesar de parecer que ampliar o foco para diferentes tipos de desigualdade pode desviar do tema central, reconheço que é essencial fornecer conceitos relacionados, para que assim possam fazer comparações. Abdul reconhece que as pessoas nas favelas estão em desvantagem, semelhante à situação das mulheres em comparação com os homens.

Para concluir essa discussão inicial sobre desigualdade, Noman mencionou o racismo como uma forma de desigualdade, destacando que ocorre quando pessoas brancas excluem e humilham pessoas negras com base na cor da pele. Considerando essa fala e as anteriores, os alunos têm uma compreensão prévia das desigualdades na sociedade, demonstrando um contato significativo com esses conceitos. Como mencionado anteriormente, conduzir essa pesquisa em uma escola pública enriqueceu consideravelmente o estudo, dada a realidade permeada por desigualdades. Portanto, as considerações feitas pelas alunas e os alunos a respeito das

desigualdades devem ser postas em constante debate, compreendendo que, através do diálogo, eles podem compreender as mazelas sociais que os cercam.

Após o momento inicial, direcionei as discussões especificamente para a desigualdade de gênero, destacando a disparidade salarial mencionada pelo aluno. Questionei se poderiam apontar outras formas de desigualdade entre os gêneros. A aluna Nile trouxe à tona a situação em que, ao chegarem do trabalho, a mulher é responsável por preparar a refeição enquanto o homem espera. Essa observação abriu espaço para perguntar se as crianças vivenciavam situações semelhantes, e todos concordaram, surgindo comentários como "meu pai faz isso" e "na minha casa é assim". Apesar de talvez não compreenderem o conceito associado à situação, reconhecem que é uma prática comum e percebem sua injustiça.

Adichie (2017) destaca que as atividades classificadas como domésticas não deveriam ser atribuídas exclusivamente a determinados gêneros. A consideração predominante, quando isso ocorre, é como a mulher consegue lidar com tudo. No entanto, deveríamos buscar uma abordagem mais equitativa para os cuidados da casa e dos filhos, envolvendo tanto homens quanto mulheres que compartilham o mesmo lar. Logo, a resposta da aluna Nile reflete diretamente a dinâmica predominante em muitas famílias do país, onde funções são designadas aos gêneros, sem considerar a sobrecarga que isso pode impor a apenas um dos envolvidos, pois, afinal, se é mulher, ela dá conta, não é mesmo?

A partir do primeiro exemplo, as crianças começaram a compartilhar experiências em suas casas. Zain mencionou que, na sua casa, o pai faz o almoço quando a mãe não está presente no horário. Ao perguntar qual é a situação mais comum, se é a mulher ou o homem que desempenha essa função, todos afirmaram que geralmente é a mulher, explicando que é porque ela é a "mulher da relação" ou a dona de casa.

No entanto, percebi que suas respostas foram dadas com hesitação, como se estivessem incertos sobre a resposta, expressando-se com uma tonalidade interrogativa. Isso sugere que as crianças reconhecem a realidade e têm uma noção de que algo não está certo, mas talvez nunca tenham discutido abertamente sobre a possibilidade de isso ser errado, considerando-o apenas como uma norma cultural e um dever das mulheres.

Dando continuidade, apresentei o vídeo "Igualdade de gênero" disponível no canal da ONU Brasil no YouTube. O vídeo inicia mostrando meninas e meninos brincando de diversas atividades, e na sequência, exhibe as mesmas pessoas já jovens no mesmo emprego. Enquanto as cenas passam, uma narração explica que todos podem ser o que quiserem, pois não há brincadeiras ou profissões específicas para um determinado sexo. Mais para o final do vídeo,

são apresentados alguns dados, como a violência contra a mulher e a taxa de desemprego, em que as mulheres têm um percentual maior. O vídeo conclui com uma mensagem de incentivo para buscar respeito, igualdade, equidade e diversidade.

Após a exibição, perguntei às crianças o que acharam do vídeo e se queriam expressar alguma opinião. As alunas e os alunos mencionaram as brincadeiras, destacando que uma mulher pode jogar futebol e um menino pode brincar de cozinheiro, entre outros exemplos. As crianças também comentaram sobre a violência contra a mulher, surpreendendo-se com os dados, e questionaram o motivo disso acontecer. Resumidamente, expliquei que há pessoas muito ruins que se consideram donas de suas parceiras, o que pode levar a situações problemáticas.

Todo esse contexto de pesquisa me fez refletir acerca do pensamento de Daniela Auad¹⁰(2022), que compreende que as práticas escolares ainda perpetuam desigualdades de gênero na educação. No entanto, ao questionarmos essas práticas, podemos abrir caminho para a implementação futura de políticas educacionais que promovam a igualdade de gênero. Portanto, é crucial que as crianças compreendam que podem brincar com o que desejarem, evitando a amplificação das normas comumente impostas, onde práticas docentes diferenciam brincadeiras e grupos com base na sexualidade da criança. Se não questionarmos tais atitudes e continuarmos a praticá-las, contribuiremos para a perpetuação das desigualdades.

Após discutirmos o conteúdo do vídeo, permiti que as alunas e os alunos expressassem suas opiniões, relacionando com o que conversamos sobre desigualdade e suas vivências. Iniciei o direcionamento para a atividade proposta, solicitando que escrevessem sobre o que as mulheres e os homens podem fazer, e por quê. As crianças sugeriram incluir também o que acham que ambos não podem fazer, deixando à critério para que se sentissem à vontade. Ressalto que a atividade foi fundamentada em uma pergunta de Adichie (2017, p. 37), que sugere ensinar às crianças a questionarem: "Quais são as coisas que as mulheres não podem fazer por serem mulheres?".

Na atividade da aluna Rehan (10 anos), ela mencionou que as mulheres podem fazer o que desejarem, como por exemplo, praticar futebol, escolher seu estilo e sua sexualidade. Considero importante destacar que em nenhum momento abordei a temática da sexualidade, levando em conta a idade das crianças e a possibilidade de causar desconforto com os pais; no entanto, Rehan abordou a sexualidade como um direito de decisão. Em sequência, ela escreve

¹⁰ Daniela Auad é pedagoga, mestra em História e Filosofia da Educação e doutora em Sociologia da Educação pela Faculdade de Educação da USP.

que uma coisa que a mulher não pode fazer é solicitar a opinião dos outros sem ser julgada e casar-se com quem ela quiser. Com uma análise mais criteriosa da atividade, poderiam surgir diversas suposições sobre a escrita da aluna.

Entretanto, em uma análise mais abrangente, a menina considera o ato de pedir opinião como algo negativo para a mulher, pois ela sempre será julgada por suas escolhas. Essa é uma percepção bastante minuciosa. Em relação à mulher casar-se com quem ela quiser, é outra menção que suscita muitas suposições, como, por exemplo, influência religiosa, onde a criança observa a família discutindo sobre casar-se com alguém da mesma religião, ou influência financeira, onde podem mencionar sobre casar-se com alguém em melhores condições, além da questão da sexualidade, onde a família pode impor o casamento heterossexual.

Nessa perspectiva, Meinerz (2013) destaca que os estudos brasileiros sobre sexualidade partiam da ideia de controle sobre a sexualidade feminina e infantil, bem como para subjugar tudo que se diferencia da norma padrão da heterossexualidade. Dessa forma, podemos perceber pela fala da aluna que ainda hoje há um poder sobre as mulheres devido à sua sexualidade, no qual não apenas a família, mas toda a sociedade, faz uso disso para julgar uma mulher de maneira inadequada, assim como para tentar controlá-la.

Dando continuidade, Rehan relaciona a vida da mulher com uma escada, pois ela tem etapas, como acordar às 7h00 da manhã para trabalhar; ela menciona que o homem tem a mesma rotina pela manhã. No entanto, quando ambos chegam às 12h00 em casa, a bagunça fica direcionada para a mulher, enquanto o homem joga futebol e dorme. Durante toda a resposta, é possível notar que a menina não está conformada com a realidade que conhece, pois ela faz menções que não foram discutidas, mas que provavelmente foram vivenciadas ou dialogadas em outro momento. Ter essa percepção de justiça desde muito cedo é fundamental para prosseguir na luta.

A próxima atividade foi realizada pelo aluno Arslan (11 anos), e o que mais me chamou atenção foi a resposta dele à pergunta direcionada aos homens, sobre o que eles podem fazer e por quê. Ele menciona que considera a Lei Maria da Penha uma desigualdade entre homens e mulheres, pois o homem pode ser preso se agredir uma mulher, enquanto isso não ocorre em situações inversas. Arslan ainda observa que a mulher não recebe nenhuma multa. É notável que, mesmo sem termos diálogos acerca da Lei Maria da Penha, o aluno já possui uma compreensão preestabelecida sobre o funcionamento dessa lei.

O fato de Arslan ter essa perspectiva destaca a urgência de abordar esses temas na escola desde cedo. Apesar de o aluno ter conhecimento sobre a existência da Lei Maria da

Penha e sua função de penalizar agressões contra mulheres, ele não compreende completamente o que motivou a criação da lei, por que ela recebe esse nome, qual a importância de amparar esse público, quais grupos são incluídos e a quais situações ela se aplica, entre outras questões. Hooks (2017) exprime que o alto consumo da desinformação, que acabam por propagar mentiras, interfere diretamente na capacidade de ir contra a realidade, em busca de justiça. Portanto, conhecer algo pela metade pode contribuir para a propagação de informações incorretas, incentivando a perpetuação de preconceitos em relação à luta das mulheres.

Avançando, apresento os apontamentos feitos pela aluna Faraz (11 anos) em sua atividade. Ela informa que as mulheres podem cozinhar, varrer a casa, lavar o banheiro, realizando uma sequência de afazeres domésticos, além de cuidar dos filhos. Faraz pontua que as mulheres também podem trabalhar caso tenham um emprego e, ao final, conclui que as mulheres podem sair com as amigas. Ao ler essa atividade, me questionei o que se pensava essa criança enquanto discutíamos inicialmente sobre o trabalho doméstico ser realizado em sua maioria por mulheres, e que isso não estava certo. Reconsidereei esse pensamento ao perceber que anos vivenciando determinada situação não seriam revertidos em algumas horas, mesmo que tivesse havido conflito de ideias no momento, a mais antiga se sobressaiu na atividade.

A compreensão que Faraz tem de como é pautada a vida da mulher provavelmente é proveniente do seu lar, que reflete uma leitura acerca do funcionamento da sociedade. Se este é o único exemplo que ela tem, não tem como considerar uma realidade onde uma mulher pode, por exemplo, escolher não se casar, ser bem-sucedida em uma carreira profissional e ter auxílio nos afazeres domésticos. Dessa forma, a tentativa de construir novas perspectivas sobre o feminino é fundamental para ampliar o conceito que as crianças vêm internalizando com base apenas em sua realidade. Como Hooks (2017) menciona, que a sua vontade de não continuar na mesma situação que as mulheres de sua família surgiu do entendimento de que podia alcançar mais e, através da educação, obteve êxito.

Quando se trata do que um homem pode fazer, Faraz inicia relatando que o homem pode jogar futebol; em sequência, menciona que podem trabalhar e ajudar no trabalho doméstico. Perceba que a primeira menção é voltada para o lazer, enquanto na resposta da mulher o lazer vem por último. A aluna escreve que o homem pode trabalhar sem nenhuma ressalva, e quando fala da mulher, ela só poderia trabalhar se tivesse um emprego, como se não fosse tão comum que mulheres fossem empregadas. Outro ponto é quando Faraz menciona o trabalho doméstico; antes, ela utiliza a palavra "ajudar", ou seja, é uma obrigação da mulher,

mas o homem pode ajudar, não sendo sua obrigação, além de não ter escrito todas as funções, não acrescentou também a função de cuidar das crianças.

Mais uma vez, a resposta pode ser um reflexo do que a aluna vivencia em seu cotidiano. Não se pode esperar que uma criança criada em determinada realidade desenvolva uma mentalidade diferente daquela que a cerca. Portanto, a discussão desses temas em ambientes além do lar é crucial, já que cabe à escola ampliar o conhecimento social dos indivíduos que a frequentam.

Assim, Auad (2022) expressa que os currículos devem ser questionados e passar por transformações, de modo que a sexualidade não seja abordada apenas nas aulas sobre o corpo humano, e que as literaturas reconheçam as mulheres que foram importantes na História. Dessa forma, buscando proporcionar visões igualitárias sobre os gêneros. Isso não diz respeito apenas à discussão sobre a desigualdade de gênero, mas também a todos os temas que envolvem os grupos inseridos nas adversidades sociais.

A seguinte atividade foi escrita pelo aluno Hussain (10 anos). Ele responde à pergunta sobre o que os homens podem fazer e por que, afirmando que muitos homens ficam deitados no sofá apenas observando as mulheres se esforçarem com o trabalho doméstico, pois acreditam que essa responsabilidade é exclusiva das mulheres. Hussain menciona que alguns homens até ajudam nas atividades domésticas, utilizando a expressão "fazem as atividades da mulher", antecipando o término dessas tarefas para quando ela retornar.

É interessante notar que Hussain começa sua resposta afirmando que o trabalho doméstico não é exclusivo das mulheres, mas logo em seguida indica que alguns homens realizam as tarefas normalmente atribuídas às mulheres. Isso sugere que, apesar de discordar, ele ainda percebe essa dinâmica como uma função predominantemente feminina. Quando um homem não compreende, de fato, qual é sua função social e que realizar trabalhos domésticos ou ser respeitoso implica entender que as mulheres possuem capacidade, assim como eles, para alcançar posições de liderança e afins, podem pensar que, ao fazer tais coisas, estão sendo generosos com as mulheres.

Na sociedade atual, o comportamento dos homens sendo socialmente bem-posicionados em relação à figura feminina ainda é visto com bons olhos, como se estivessem agindo por boa vontade, sendo considerados atípicos e excepcionais. Nesse sentido, cabe à escola romper com o caráter reprodutor e ressignificar o modelo vigente. Louro (1997), ao abordar o modelo de educação na perspectiva da pedagogia feminista, destaca que esse modelo propõe estratégias e procedimentos que buscam romper com a educação tradicional hierárquica,

promovendo diálogos. Portanto, uma educação voltada para ensinar a transgredir visa ampliar conceitos, permitindo que a sociedade ultrapasse barreiras historicamente estabelecidas.

A aluna Siri (11 anos) destaca que homens e mulheres podem fazer o que quiserem, mencionando atividades como brincar de casinha, cozinhar, jogar bola e cuidar da casa para ambos os sexos. Isso sinaliza que não há ações determinadas para cada gênero, e Siri ressalta que podem fazer isso porque são pessoas livres. A única diferença nas respostas ocorre ao final do primeiro questionamento sobre as mulheres, quando Siri escreve "Porque antes tinham muitas coisas que elas não podiam fazer". Essa observação indica que a aluna compreende que, atualmente, as mulheres conquistaram alguns direitos que anteriormente lhes eram negados, evidenciando uma compreensão da importância dos movimentos sociais, como o feminismo.

Nesse contexto, segundo Santos e Sacramento (2011), o Movimento Feminista foi crucial para as conquistas realizadas pelas mulheres, permitindo avanços significativos e assegurando seus direitos como cidadãs. Apesar desses progressos, elas ainda enfrentam desafios por melhores condições em diversos âmbitos, mas que já se diferenciam consideravelmente das mulheres do passado. A fala da aluna reflete uma afirmativa de mudanças significativas, levando em consideração o avanço no reconhecimento como cidadãs, o que possibilitou a participação das mulheres em diversas esferas da sociedade. No entanto, é importante reconhecer que a mera inserção não equivale à verdadeira inclusão.

Para concluir, apresento as considerações de Zahra (11 anos), que destaca a necessidade de igualdade salarial entre homens e mulheres, bem como o respeito sem desigualdades. Algumas crianças também abordaram a questão salarial nas discussões iniciais sobre desigualdade, conforme evidenciado nas falas tanto das alunas quanto dos alunos, além de ser mencionado no vídeo apresentado. Algumas respostas destacaram o voto como um direito das mulheres. Auad (2022) relata que as mulheres ganharam um pouco de autonomia no início do período republicano, por volta de 1889; no entanto, somente houve uma grande conquista quando, na Constituição Federal de 1934, obtiveram o direito ao voto. Assim, são anos de luta contínua para alcançar conquistas de impacto significativo.

Em síntese, as crianças entenderam que as mulheres não apenas têm liberdade de escolha em suas vestimentas e atividades, mas também merecem igualdade salarial, conquistaram o direito ao voto e não devem ser impostas ao trabalho doméstico. Nesse sentido, considerei crucial este primeiro momento para que, no encontro seguinte, as crianças pudessem abordar a história de Malala com uma compreensão mais ampla, reconhecendo-a como vítima de costumes culturais equivocados. Ao encerrar as discussões pela manhã, agradei pelas

contribuições e antecipei que, no próximo encontro, exploraríamos a história de uma menina real cuja vida foi drasticamente alterada por injustiças, impedindo-a de viver a vida que conhecia e interrompendo seu sonho de frequentar a escola.

5.3 Segundo dia de desenvolvimento da pesquisa em campo

O segundo dia de desenvolvimento da pesquisa ocorreu em 28/09/2023. Ao chegar à escola, busquei o professor da turma para acertarmos o melhor horário e iniciar a organização do material necessário. A pesquisa foi conduzida nos primeiros horários antes do intervalo, uma escolha estratégica, pois, conforme orientação do professor, as crianças estariam mais tranquilas, proporcionando um ambiente propício para o desenvolvimento de diálogos.

Roteiro de trabalho – 2º dia
TEMA: Malala para a construção de um novo olhar sobre o feminino.
PROBLEMATIZAÇÃO: Com base no que foi conversado no dia anterior, buscar exemplificar como a desigualdade de gênero pode afetar drasticamente a vida de uma pessoa, utilizando a história da Malala.
DATA: 28 de setembro
OBJETIVO: Construir através da história da Malala uma perspectiva mais humana sobre a desigualdade de gêneros, elucidando o respeito à diferença.
MATERIAL FACILITADOR DO DIÁLOGO: Livro “Malala: a menina que queria ir para a escola” de Carranca, 2018. O livro narra alguns pontos da vida de Malala, sob uma análise feita pela jornalista, que foi ao Vale do Swat logo após Malala sofrer o atentado. O livro não será trabalhado por completo, pois o foco principal é a vida e quase morte da menina.
DESENVOLVIMENTO: 1º Momento: Descrever para a turma como será o roteiro do dia. Acredito que é uma maneira de inserir a turma de forma íntegra na pesquisa, não deixando surpresas da qual possam não querer participar. 2º Momento: Recapitular o que foi discutido no dia anterior da pesquisa; se tem algo que queiram acrescentar; se conversaram sobre os diálogos com alguém, enfim, dar espaço para iniciar um novo assunto.

3º Momento: Contar a história da Malala, utilizando algumas partes do livro de Carranca, ao mesmo tempo em que narrar a história, buscar incluir as alunas e os alunos para que possam fazer suas contribuições.

4º Momento: Dialogar sobre a história da menina, relacionando com o que conversamos sobre a desigualdade de gênero.

5º Momento: Considerando principalmente o título do livro, onde Malala é descrita como a menina queria ir para a escola, questionar as crianças qual seria o papel da escola para a construção de uma educação que vise o respeito, e corrobore com a igualdade entre gêneros.

ATIVIDADE REFLEXIVA: Após os momentos de diálogo, será solicitado que as crianças escrevam cartas direcionadas para Malala. Primeiramente, explicarei como escrever uma carta, o que deve conter, e em sequência as alunas e os alunos escreverão individualmente uma carta para a menina. O intuito da atividade, é fazer com que as alunas e os alunos se sintam à vontade para relacionar algum aspecto da sua vida com a da menina e queira compartilhar com a mesma, ou simplesmente conseguir demonstrar sua comoção ou admiração, enfim, expressar seus sentimentos.

Ao adentrar na turma, destaquei minha presença para concluir a pesquisa iniciada no encontro anterior. Recapitulei nossas conversas anteriores, buscando verificar se os diálogos foram assimilados pelas alunas e alunos. Antes de iniciar a leitura do livro "Malala, a menina que queria ir para a escola", expliquei que não seria possível abranger todos os capítulos devido ao tempo disponível, mas garantiríamos a leitura necessária para a compreensão da história.

Durante a leitura, promovi pausas estratégicas para permitir que as alunas e alunos interagissem e fizessem perguntas, se necessário. Dada a presença de palavras de origem paquistanesa e patschu no livro, as crianças frequentemente indagavam sobre seus significados. Para facilitar a compreensão, relatei essas palavras a equivalentes em língua portuguesa.

A narrativa de Malala não é permeada por momentos felizes, como costumam ser os livros infantis. Isso gerou um interesse palpável nas crianças, que expressaram não apenas curiosidade, mas também surpresa e até mesmo tristeza diante dos desafios enfrentados pela protagonista. A quase fatalidade vivida pela jovem de 15 anos na época provocou uma reação de inconformidade. As alunas e alunos, ao longo da experiência, questionaram persistentemente por que Malala e seu povo estavam sujeitos a tal situação. Dada a natureza agressiva dessa imposição, incomum na realidade brasileira para muitas crianças, a compreensão do livro se

chocou com a justificativa fornecida. No entanto, em face desses questionamentos, procurei contextualizar as respostas com as discussões prévias sobre desigualdade de gênero e as privações enfrentadas pelas mulheres.

Dada a extensão da história do livro e o tempo envolvido, mesmo com a exclusão de alguns capítulos, decidi iniciar a explicação da atividade planejada. Inicialmente, questionei se as crianças sabiam o que era uma carta e quais elementos ela deveria conter. A maioria respondeu que uma carta é uma mensagem destinada a outra pessoa. No entanto, em relação aos elementos necessários, houve incerteza. Diante disso, expliquei na lousa que uma carta deve incluir remetente e destinatário, simplificando a linguagem ao utilizar "de" e "para". Assim, ficou claro que a carta deveria conter o nome de quem escreve e para quem é destinada. Além disso, solicitei que na atividade incluíssem suas idades e a data.

O foco então foi direcionado para a redação de cartas para Malala, encorajando as crianças a expressarem livremente suas ideias. Dado que muitos não tinham experiência com a redação de cartas, forneci alguns exemplos, sugerindo que poderiam escrever como se estivessem conversando com uma amiga ou conhecida. Destaquei que poderiam abordar o que acharam da história de Malala ou expressar seus sentimentos ao ouvi-la. As produções começaram e levaram cerca de meia hora, com algumas crianças criando desenhos inspirados na capa do livro e outras utilizando cores e letras de maneira livre.

Para encerrar a manhã, recolhi as cartas, agradei a todas e todos pelo empenho na pesquisa, reforçando a importância de suas contribuições. Recapitulei a história de Malala, lembrando a importância de lutar por sonhos, ter voz e vez para fazer escolhas, enfatizando que tudo o que ela passou foi por ser mulher. Finalizei agradecendo e entregando uma lembrança baseada em uma frase de Malala, destacando que sua força reside na caneta, não na espada.

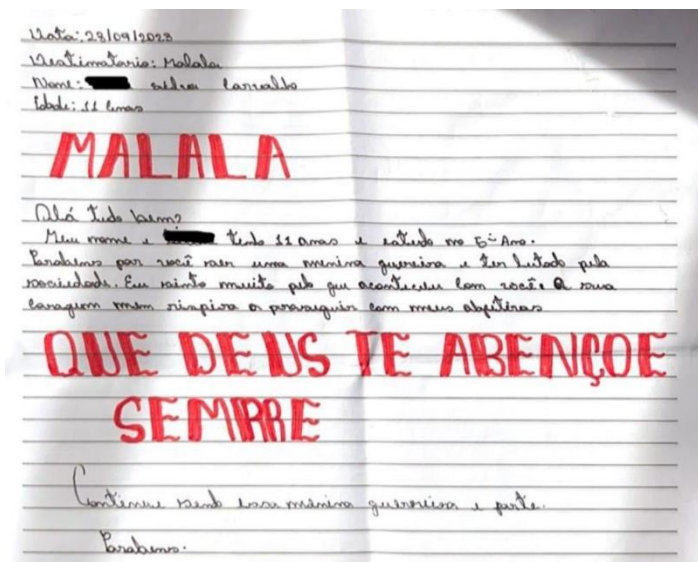
Figura 3: Lápis entregues de lembrança



Fonte: Autoria própria

Ao analisar o material produzido pelas crianças, busquei uma perspectiva que permitisse compreender diversos segmentos relacionados à temática principal. Em seguida, iniciarei a exposição, bem como a análise das cartas produzidas.

Figura 4: Carta da aluna Wendy



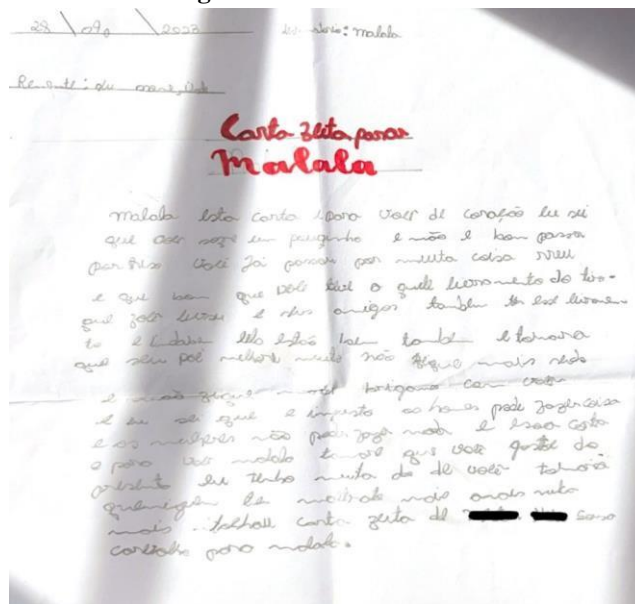
Fonte: Dados da pesquisa

Na carta da aluna Wendy (11 anos), é evidente um tom de admiração e congratulação pela ação de Malala. A aluna parabeniza Malala por sua coragem e luta em prol da sociedade, destacando que a bravura da protagonista a inspirou a perseguir seus próprios objetivos. Dentro do contexto das desigualdades, é crucial ressaltar que o contato das meninas com uma história

real de tamanha crueldade, protagonizada por alguém tão corajosa, desperta uma admiração que as motiva a também serem corajosas. A aluna afirma que a história de Malala a inspirou a buscar coragem. Para iniciar uma luta, é preciso reconhecer que a primeira revolução deve acontecer dentro de si mesma. Encontrar pessoas com atitudes revolucionárias pelo caminho pode alimentar o desejo próprio de iniciar uma revolução.

Como destaca Louro (1997), existe um novo modo de exercer ações transformadoras, considerando o cotidiano, o presente. Não é necessário aguardar por uma grande transformação social para tomar a iniciativa de agir, e isso pode ocorrer de diversas maneiras. Quando as crianças, em especial Wendy, afirmam que a história lhes deu coragem, significa que a simples ação de contar uma história para a turma já representa um início de transformação. Como tenho ressaltado, não afirmo que essas mudanças serão extremamente revolucionárias, mas, de acordo com Louro, essas pequenas transformações também são representações de práticas feministas, que ela relaciona como parte da prática feminista da pós-modernidade.

Figura 5: Carta do aluno Hanif



Fonte: Dados da pesquisa

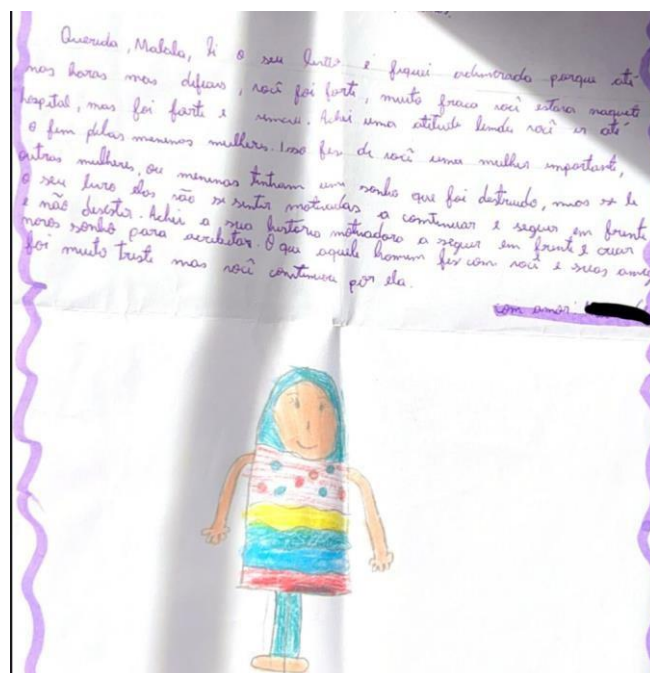
Na carta, escrita pelo aluno Hanif (11 anos), é perceptível desde o início uma demonstração de empatia em relação às experiências vividas por Malala, expressa através da frase "de coração". Hanif reconhece o sofrimento enfrentado por Malala e expressa alegria pelo livramento dela e de suas amigas. A menção constante à tragédia nas cartas das alunas e alunos evidencia a solidariedade deles com o que Malala passou.

No trecho a seguir, destaca-se a compaixão que as crianças demonstram, sublinhando a importância de introduzir tais temas desde cedo. Hanif afirma: "eu sei que é injusto os homens poderem fazer coisas e as mulheres não fazerem nada". A força desta declaração vinda de uma criança ressalta um dos objetivos da pesquisa. Hanif, aos 11 anos, reconhece a injustiça enfrentada pelas mulheres. É notório que as crianças assimilam conceitos com mais facilidade quando relacionados à prática. Portanto, reconhecer e assimilar o conceito de justiça em situações de desigualdade é fundamental para evitar que considerem normais certas circunstâncias.

É exatamente para isso que a pedagogia feminista contribui. Segundo Sardenberg (2011), a pedagogia feminista está relacionada à pedagogia crítica, pois busca promover a consciência crítica das alunas e dos alunos. Assim, ao internalizarem o conceito de injustiça em determinadas situações, tornam-se capazes de reconhecer situações semelhantes em diversos contextos. Conclui-se que a pedagogia contribui para a libertação e ampliação de conhecimentos, fundamentais para ações de transformação, tanto coletivas quanto individuais.

Ao concluir a carta, Hanif expressa: "eu tenho muita dó de você, tomara que ninguém te maltrate mais". Sua perspectiva é clara ao estruturar a carta, relatando o conhecimento sobre Malala, reconhecendo a injustiça, e finalizando com o desejo de que ela não sofra mais. Hanif compreende não apenas o sofrimento físico, mas também emocional de Malala, pois ela não pôde realizar atividades que amava, e expressa a esperança por mudanças.

Figura 6: Carta da aluna Sany



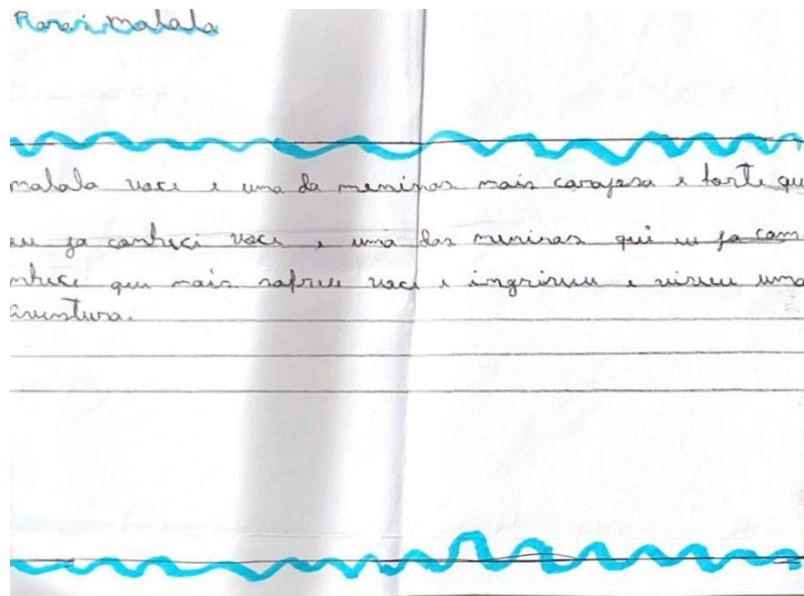
Fonte: Dados da pesquisa

Nos primeiros escritos da carta, Sany (11 anos) expressa sua admiração pela história de Malala, destacando a força da protagonista mesmo em situações difíceis. A utilização do termo "forte" remete à prática comum de incentivar crianças a realizarem ações, associando a força física à capacidade de superação. A admiração de Sany sugere um desejo de seguir o exemplo de Malala, reconhecendo suas atitudes como exemplares.

Em seguida, Sany elogia a atitude de Malala em persistir na luta das mulheres, identificando o atentado como um ponto crucial que impulsionou mudanças. A aluna destaca a importância de Malala ao se tornar uma figura significativa, motivando outras meninas a continuarem seus sonhos, mesmo diante de adversidades. Este trecho evidencia a percepção de Sany sobre o impacto inspirador da história de Malala na vida de outras pessoas. Ao finalizar a carta, Sany destaca a motivação que a história proporcionou para seguir em frente, criar sonhos e reconhece a tristeza dos acontecimentos. Contudo, ressalta a continuidade da luta de Malala em prol de suas amigas.

Dentro do Movimento Feminista, destaca-se uma prática denominada oficinas da autoconsciência, onde um grupo de mulheres se reúne para discutir temas pessoais ou sociais, buscando enfatizar a ideia de que "o pessoal é político". Muitas das relações dentro de casa e com as famílias estão permeadas por hierarquias de dominação, modeladas por padrões sociais (Sardenberg, 2011). Diante disso, a afirmação da aluna Sany, ao mencionar que Malala se tornou uma figura importante, destaca a importância de reconhecer as histórias de vida de mulheres silenciadas, considerando essas mulheres como símbolos de luta, mesmo aquelas que não alcançaram notoriedade. Portanto, as oficinas da autoconsciência não precisam se limitar a ocorrer a cada três anos, como os "Encontros Feministas latino-americanos e do Caribe", podendo acontecer em salas de aula, grupos de amigas e diversos outros espaços.

Figura 7: Carta da aluna Asghar



Fonte: Dados da pesquisa

Na carta escrita por Asghar (10 anos), a aluna destaca Malala como uma das meninas mais fortes e corajosas que já conheceu. É possível inferir que Asghar talvez não tenha contato frequente com pessoas que ela considere corajosas e fortes, ou talvez não tenha lido histórias com protagonistas femininas em papéis de luta, diferentes do estereótipo de princesas à espera de resgate. Nessa narrativa, Malala emerge como sua própria salvadora.

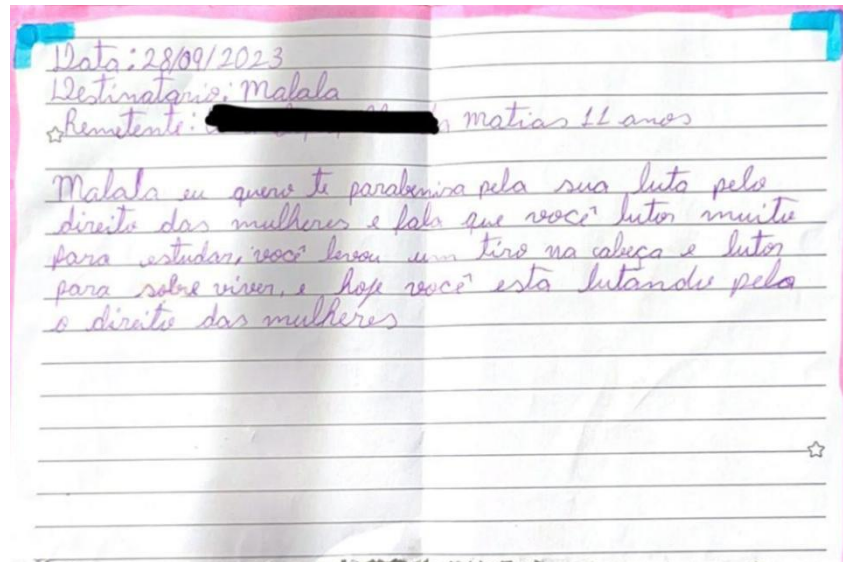
Este trecho ressalta a importância da inclusão de histórias e debates sobre pessoas reais envolvidas em lutas reais para alcançar suas convicções. Embora os contos de fantasia, fábulas e histórias infantis tradicionais continuem sendo essenciais, a inclusão de narrativas inspiradoras pode expandir a compreensão das crianças sobre o mundo.

Asghar prossegue, apontando que Malala é uma das meninas que mais sofreu que ela conhece, o que a torna incrível e protagonista de uma aventura. Nesse contexto, Asghar percebe a história de vida de Malala como uma aventura. Associando o conceito de aventura a narrativas de lutas e guerras, onde o final feliz resulta na superação do herói, sob a perspectiva do arquétipo do herói, Malala alcançou seu objetivo ao ganhar visibilidade mundial, recebendo o Prêmio Nobel da Paz e impactando vidas ao redor do mundo.

Conforme Santos e Sacramento (2011), a jornada da figura feminina em busca de reconhecimento e igualdade foi desafiadora e demorada, devido aos obstáculos impostos por instituições de maior poder. No entanto, é crucial salientar que a mulher não é mais um sujeito passivo; ela se transformou em um agente ativo, buscando melhorias para seu grupo. Assim, de

acordo com a resposta de Asghar, Malala destacou-se como uma jovem ativa, lutando com coragem por melhorias em sua vida.

Figura 8: Carta da aluna Shazia



Fonte: Dados da pesquisa

A carta da aluna Shazia (11 anos) se destaca ao categorizar os feitos de Malala como uma incansável luta pelos direitos das mulheres, sublinhando que, mesmo atualmente, Malala persiste nesse compromisso. Esse reconhecimento não apenas enfatiza que a trajetória de Malala não foi um evento casual, mas também evidencia sua motivação derivada da resistência às mudanças sociais, especialmente aquelas que davam voz ao povo, especialmente às mulheres.

A busca por direitos é crucial não apenas para as mulheres, mas também para todos aqueles que enfrentam desigualdades sociais. É através de lutas diárias, como a de Malala, que hoje podemos celebrar conquistas significativas. Um exemplo notável ocorreu em 3 de julho de 2023, quando o presidente Luís Inácio Lula da Silva sancionou o projeto de lei nº 1.085/2023, tratando da igualdade salarial entre homens e mulheres.

É essencial ressaltar que essa conquista não é apenas uma boa ação, mas uma resposta à anos de luta. Em 2023, não podemos mais aceitar a desigualdade salarial como algo tolerável. A legislação nº 14.611 de 03/07/2023 representa um avanço importante na busca por equidade de gênero, evidenciando a necessidade contínua de esforços para transformar a sociedade de maneira justa e igualitária.

Nas cinco cartas compartilhadas para este estudo, é evidente a semelhança na admiração e, ao mesmo tempo, na solidarização com a vida da menina. Ao ler sobre privações relacionadas ao seu gênero, as crianças expressaram indignação, destacando situações similares em suas vidas. Por exemplo, quando li sobre os irmãos de Malala brincando enquanto ela ajudava a mãe, várias meninas comentaram que vivenciam situações semelhantes.

Apesar da ênfase na admiração nas cartas, observou-se frequentes comparações, contribuindo para o objetivo da pesquisa: promover diálogos que permitam às crianças se identificarem com a vida de Malala, reconhecendo sua capacidade de agir. Assim, espero que meninas e meninos se percebam como protagonistas de suas vidas, refletindo o respeito, cuidado e admiração inspirados pela história de Malala.

6. CONSIDERAÇÕES

Este estudo buscou, através do uso do livro "Malala: a menina que queria ir para a escola", possibilitar que as crianças do 5º ano de uma escola da rede pública de Açailândia pudessem construir um novo olhar sobre o feminino. Com uma pesquisa direcionada a campo, partindo inicialmente das concepções que as mesmas já possuíam sobre os gêneros, foram utilizados alguns métodos a fim de facilitar tanto a coleta de informações quanto a construção de diálogos como forma de intervenção na realidade encontrada.

Os objetivos esperados foram alcançados com êxito. Através das rodas de conversa e dos círculos de cultura, foi possível reconhecer qual entendimento as alunas e os alunos tinham sobre o gênero feminino. Isso possibilitou uma apresentação mais dinâmica do livro de Adriana Carranca, onde as crianças se sentiram à vontade para fazer interferências e contribuições durante a leitura. Por fim, pudemos construir diálogos que expressassem uma nova concepção da realidade encontrada, onde as crianças expressaram suas compreensões através das atividades.

O problema que direcionou a pesquisa foi: como o livro "Malala: a menina que queria ir para a escola" poderia contribuir para repensar questões de gênero com alunas e alunos de uma escola da rede pública. Dessa forma, foi possível notar que o livro foi de extrema importância nesse processo, uma vez que as crianças puderam relacionar os conceitos, que ficam mais subjetivos apenas em conversas, com uma história real. Sendo assim, os conceitos puderam ganhar forma.

No tópico em que discuti sobre a desigualdade de gênero, foi possível concluir que as pesquisas ainda mostram como o termo gênero é desconhecido e como ainda é carregado de uma conceituação social machista, o que corrobora com uma educação que continua perpetuando a ideia de gênero como características estabelecidas para determinados sexos. Encontrei estudos que, assim como este, buscam ampliar o conhecimento sobre essa temática, o que foi enriquecedor para a construção deste trabalho.

Em seguida, discorri sobre o livro da Malala, onde pude discutir a vida da menina, estabelecendo uma relação entre suas experiências e os conceitos anteriormente discutidos sobre as desigualdades de gênero. Considero importante salientar que utilizei o livro porque a ideia principal foi introduzir uma literatura pouco conhecida pelas crianças. Acredito que ainda hoje, na educação, pouco se utiliza de literaturas que realmente possam proporcionar uma aprendizagem multidisciplinar. Literaturas escritas por indígenas, pessoas pretas, mulheres e

seu protagonismo, entre outros grupos que continuam sendo silenciados, são desconsideradas. Portanto, sinto-me satisfeita com o resultado proporcionado pelo uso e divulgação dessa história.

Por fim, na parte teórica deste estudo, busquei mostrar qual o papel que a escola tem nesse processo de ensino das crianças, proporcionando momentos de diálogo para discutir questões que estão presentes no dia a dia escolar. Fiz um breve panorama de como a educação, desde seus primórdios, negligência grupos, dando ênfase às mulheres. Portanto, caro leitor, espero que tenha feito uma leitura na perspectiva de relacionar as considerações feitas com a realidade encontrada, seja como educador ou educando.

Com base nas atividades que foram propostas, já na pesquisa em campo, concluo que as crianças ainda têm uma concepção muito problemática a respeito do gênero feminino, considerando que este possui um papel pré-estabelecido dentro da sociedade, muitas vezes relacionado com a realidade vivenciada por estas crianças. Entretanto, ao final da pesquisa, com a proposta da segunda atividade, as respostas passaram a ser mais distintas das respostas encontradas na primeira roda de conversa. As crianças não apenas reconheceram a injustiça do que Malala enfrentou, mas também demonstraram um estímulo renovado para lutar por aquilo em que acreditam.

Reconheço que esta pesquisa pode não ser suficiente para gerar mudanças sociais significativas, mas ela pode servir como base para iniciar transformações. Por exemplo, os professores envolvidos na pesquisa podem sentir-se motivados a promover mais diálogos, abordando temas transversais conforme a BNCC. A supervisão escolar, ao ter acesso ao material utilizado, pode considerar a inclusão de ações relacionadas a essas temáticas em toda a escola, desconstruindo moldes pré-estabelecidos, como decorações sexistas e exclusivas.

Por último, mas não menos importante, espera-se que alunos e alunas se interessem em conhecer mais sobre a desigualdade de gênero e como podem contribuir para melhorar a realidade. Embora não se possa afirmar que todas essas ações ocorrerão, ressalto que são possibilidades e que a verdadeira finalidade do estudo vai além de simplesmente evidenciar a persistência de traços machistas na sociedade, mas busca criar oportunidades de reflexão e mudança.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. 1º ed. São Paulo: Companhia de Letras, 2017.
- AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. **Sociedade e estado**, v. 15, p. 303-330, 2000. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/cRnvYmPTgc59jggw7kV5F4d/?format=html&lang=pt>> Acesso em: 29 fev. 2024.
- ARRUZZA, Cinzia. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. **Revista Outubro**, v. 23, n. 01, 2015. Disponível em: <https://bancadafeministapsol.com.br/wp-content/uploads/2021/01/2015_1_04_Cinzia-Arruza.pdf> Acesso em: 03 dez. 2023.
- AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2022.
- BECKER, Fernando. Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos. **Educação & realidade**. Porto Alegre. Vol. 19, n. 1 (jan./jun. 1994), p. 89-96, 1994. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/231918/000092223.pdf?sequence=1>> Acesso em: 29 fev. 2024.
- BRASIL. **LEI Nº 14.611 DE 3 DE JULHO DE 2023** Dispõe sobre a igualdade salarial e de critérios remuneratórios entre mulheres e homens; e altera a Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/14611.htm> Acesso em: 17 dez. 2023.
- BRIGHENTE, M. F.; MESQUIDA, P. Paulo Freire: da denúncia da educação bancária ao anúncio de uma pedagogia libertadora. **Pro-Posições**, v. 27, n. 1, p. 155–177, abr. 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pp/a/kBxPw6PW5kxtgJBfWMBXPhy/?lang=pt#>> . Acesso em: 24 jan. 2024.
- CANGUÇU, Talwane Vieira. **Construindo a igualdade de gênero na educação infantil**. 2015. 39 f. Monografia (Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural) Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/14457/1/2015_TalwaneVieiraCangucu_tcc.pdf> Acesso em: 24 jan. 2024.
- CARRANCA, Adriana. **Malala, a menina que queria ir para a escola**. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.
- CARVALHO, Ana. **Desigualdade e diferenciação social**. In: CARVALHO, Ana Et al. **Desigualdades de gênero, raça e etnia**. 1º ed. Curitiba: Intersaberes, 2013.
- FERREIRA, M. L.; MARQUES, A. J. Breve percurso histórico da educação brasileira e o pensamento educacional contemporâneo: implicações ao ensino de química. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 5, p. e179953333, 3 abr. 2020. Disponível em:

<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3333>. Acesso em: 9 set. 2023.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. **Revista fato & versões**, v. 1, n. 2, p. 3-16, 2009. Disponível em < https://www.academia.edu/download/31446858/REVISTA_FATOS_E_VERSOES_-_MULHER_NO_PATRIARCADO_BRASILEIRO.pdf > Acesso em: 20 ago. 2023.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FRANCISCO, EL HOMBRE. **Triste, Louca ou Má**. Soltasbruxa. La Habana. 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 1º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GONÇALVES, Nadia G. **Fundamentos históricos e filosóficos da educação brasileira**. 1ª ed. Curitiba: InterSaberes, 2012.

HEILBORN, Maria Luiza. De que gênero estamos falando. **Sexualidade, gênero e sociedade**, v. 1, n. 2, p. 1-6, 1994.

HOLANDA, Adriano. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. **Análise psicológica**, v. 24, n. 3, p. 363-372, 2006. Disponível em: <<http://publicacoes.ispa.pt/publicacoes/index.php/ap/article/view/176>> Acesso em: 29 fev. 2024.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ª ed. WMF, 2017.

KAUR, Rupi. **Meu corpo minha casa**. Tradução de Ana Guadalupe. São Paulo: Planeta, 2020.

KRAMER, Sonia. O papel social da educação infantil. **Revista textos do Brasil**. Brasília, Ministério das Relações Exteriores, 1999. Disponível em: <https://www.grupoinfoc.com.br/publicacoes/periodicos/p53_O_papel_social_da_Educacao_Infantil.pdf>. Acesso em 24 jan. 2024.

LIMA, Everton. Mulheres no mercado de trabalho: avanços e desafios. **Fiocruz**, 2022. Disponível em: < <https://portal.fiocruz.br/noticia/mulheres-no-mercado-de-trabalho-avancos-e-desafios> > Acesso em: 29 ago. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação: Da antiguidade aos nossos dias**. 13ª ed. São Paulo: Cortez editora, 2022.

MEINERZ, Nádia. Relações sociais de gênero. In: CARVALHO, Ana Et al. **Desigualdades de gênero, raça e etnia**. 1º ed. Curitiba: Intersaberes, 2013.

Por que o Brasil tem caído em ranking global de desigualdade de gênero. BBC, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4nljwj0nno>. Acesso em: 09 de jun. de 2023.

PRAUN, A. G. Sexualidade, gênero e suas relações de poder. **Revista Húmus**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2011. Disponível em: <https://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/1641>. Acesso em: 29 ago. 2023.

RIBEIRO, M. C. M. DE A.; CATRINCK, I. M. O.; MAGALHÃES, S. A. B. Por uma educação freireana que atue contra a desigualdade de gênero no Brasil contemporâneo. **Praxis Educativa**, v. 16, p. 1–14, 2021. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-43092021000100228&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 29 ago. 2023.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **O poder do macho**. 1º ed. São Paulo: Moderna, 1987.

SANTOS, R. C.; SACRAMENTO, S. M. P. DO. O Antes, o Depois e as Principais Conquistas Femininas. **Anagrama**, v. 5, n. 1, p. 1–10, 24 jun. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35598>. Acesso em: 3 dez. 2023.

SANTOS, Sílvia dos et. al. **História da educação**. São Paulo: Pearson Education do Brasil. 2013.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Considerações introdutórias às pedagogias feministas. In: COSTA, Ana Alice Et al. **Ensino e gênero: perspectivas transversais**. Salvador: UFBA/NEIM, p. 17-32, 2011.

SAVIANI, D. **As Concepções Pedagógicas na história da Educação Brasileira**. Texto elaborado no âmbito do projeto de pesquisa "O espaço acadêmico da pedagogia no Brasil." Campinas, 2005. Disponível em: <https://www5.unioeste.br/portaunioeste/images/files/PHC/3._Artigo_-_Saviani_-_Asc_concep%C3%A7%C3%B5es_pedag%C3%B3gicas_na_hist%C3%B3ria_da_educac%C3%A3o_brasileira.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2024.

SAVIANI, D. Políticas educacionais em tempos de golpe: retrocessos e formas de resistência. **Roteiro**, v. 45, p. 1–18, 3 jun. 2020. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2177-60592020000100202&script=sci_arttext>. Acesso em: 24 jan. 2024.

SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete Shizue Bomura. O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões. **Educar em revista**, p. 169-189, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/VKN68qKSCDDcvmq5qC7T6HR/>>. Acesso em: 24 ja. 2024.

WALBY, Sylvia. **Theorizing Patriarchy**. 1ª ed. Oxford: Blackwell Publishers, 1991.

YOUSAFZAI, Malala; LAMB, Christina. **Eu sou Malala: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2013.